



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**LUANA CARNEIRO BEZERRA**

**O AÇAÍ NA MERENDA ESCOLAR: TRADIÇÃO ALIMENTAR E IDENTIDADES**

**Abaetetuba - Pará**

**2018**

**LUANA CARNEIRO BEZERRA**

**O AÇAÍ NA MERENDA ESCOLAR: TRADIÇÃO ALIMENTAR E IDENTIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Abaetetuba como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Joyce Otânia.

**Abaetetuba - Pará**

**2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**LUANA CARNEIRO BEZERRA**

**O AÇAÍ NA MERENDA ESCOLAR: TRADIÇÃO ALIMENTAR E IDENTIDADES**

**Banca Avaliadora:**

Profa. Dra. Joyce O. S. Ribeiro – orientadora

Prof. Dr. Dedival Brandão da Silva - examinador

Profa. Esp. Ana Nice de Lima Rodrigues - examinadora

**Abaetetuba - Pará**

**2018**

Respeitar a diferença não pode significar “deixar que o outro seja como eu sou” ou “deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)”, mas deixar que o outro seja como eu não sou, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixar - que o outro seja diferente, deixar ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença da identidade, deixar ser uma outridade que não é outra “relativamente a mim” ou “relativamente ao mesmo”, mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade.

José Luis Pardo

Dedico este trabalho Aquele que primeiro me amou, Jesus. Aos meus pais, irmãos e familiares, que vibraram a cada conquista e também foram alento nas derrotas. Ao meu esposo Manoel, por toda paciência e dedicação; a minha louca família na fé, que sempre me fez lembrar de todas as promessas de Deus para a minha vida. Aos meus amigos. E a minha orientadora, Joyce Ribeiro, na verdade, você é um dos maiores presentes dados pela graduação. Essa conquista é nossa!

Costumo dizer que a gratidão é a porta para que as bênçãos do Senhor caiam sobre nossas vidas. Primeiramente agradeço a Ele pelo dom da vida, por tudo que Ele me deu e também pelo que tirou, agradeço por ter desenhado a minha história no curso de pedagogia de uma maneira tão intensa e desafiadora. Geralmente é na graduação que muitas pessoas apostatam da fé, mas foi na universidade que eu vivi o sobrenatural de Deus e a cada tentativa de me mostrarem que Ele não era real, a certeza que Ele vive em mim se fazia mais forte. Na verdade, todas as leituras, os debates, disciplinas, toda a ciência, enfim a graduação por completo, só me fez acreditar ainda mais na sua existência e na sua perfeição. Obrigada Jesus, obrigada por ser meu melhor amigo, Aquele que me guarda, que orienta e molda meu coração.

Agradeço também pelas pessoas que o Senhor colocou na minha vida, pois em tempos tão difíceis, de relações tão instáveis, encontrar pessoas que nos ajudem é um verdadeiro tesouro. Minha profunda gratidão aos meus pais, Mario Aguiar e Lucia Aguiar que sempre sonharam coisas lindas para mim, que foram incansáveis na luta para me proporcionar o que eles não tiveram. Pai, obrigada por me ajudar a escolher o curso, por ser essa uma pessoa justa, por me conhecer tão bem e por me amar desde o primeiro dia que me viu, você é meu exemplo; mãe, obrigada por me amar de maneira tão feroz, tão valente a ponto de suportar coisas extremamente difíceis para que hoje eu estivesse aqui, à você dedico toda a minha trajetória até aqui e as conquistas futuras. Agradeço pela vida dos meus três irmãos, Mario, Leandro e Luan, cada um de vocês marca a minha vida de maneira diferente, eu os amo demasiadamente. Agradeço aos meus avós, que são muitos por sinal, obrigada por cuidarem de mim e por me encherem de comidas gostosas. Aos meus tios maternos e paternos, por serem tão alegres, tão amigos e companheiros. Às minhas dezenas de primos, em especial, gostaria de agradecer ao Lucas, ao Rafael, ao Leonardo, a Arleth, a Gabriela e a Rafaela, que são mais do que primos para mim, vocês me fazem rir das coisas mais idiotas do mundo, na verdade vocês me fazem rir até quando estou chorando, vocês são demais! Claro, agradeço também pela vida do Bernardo, nosso caçula, que chegou na família para nos ensinar novamente a ser criança, você é nossa luz, nosso presente dos céus.

Agradeço ao meu esposo Manoel Carlos, por ter decidido ser meu companheiro incansável nessa trajetória desafiadora chamada vida, obrigada por sempre estar ao meu lado em tudo que deu certo e principalmente no que deu errado, obrigada por cuidar de mim, por me honrar e ter aceitado viver todos esses desafios ao meu lado. Que Mateus 6:33 sempre seja verdade em nossas vidas, eu amo você.

Aos meus sogros Fernando Carlos e Maura Cardoso, por me tratarem como filha, por se preocuparem comigo e se alegrarem tanto quanto eu com essa conquista, vocês são maravilhosos. A minha cunhada, amiga e irmã Manu Cardoso que esteve ao meu lado mesmo de longe, que sempre me fez sentir especial e amada, obrigada pela sua lealdade. Ao meu cunhado Henrique Cardoso, a quem eu admiro profundamente e amo como se fosse meu irmão, obrigada por fazerem do lar de vocês o meu também.

As minhas amigas Ludymilla Dias e Larissa Dias, que fizeram com que um ano de convivência em um lugar difícil e longe da família, ser tornasse uma das experiências mais incríveis da minha vida. Nossa amizade é como o ouro refinado que suporta altas temperaturas buscando a excelência, eu amo vocês para sempre. Aos amigos de rua, de escola, do curso de inglês, aos colegas, aos vizinhos e conhecidos. Cada um de vocês de alguma forma me fizeram estar aqui hoje.

Agradeço a minha família na fé da Igreja Evangélica Nova Aliança, onde eu tenho aprendido todos os dias a ser mais apaixonada por Jesus e a amar pessoas. Aos meus primeiros pastores Tatielson e Michelle, obrigada por me ensinarem a dedicar minha vida sem reservas a Jesus, aos meus pastores Anderson e Carla, por me ensinarem que uma igreja que cresce em princípios é forte e inabalável, aos pastores Paulo e Leuda que me ensinaram que alguém vai precisar fazer o trabalho pesado, mas que é extremamente gratificante ser chamado por Jesus, aos pastores Dilson e Lauriete que me ensinaram a ter um coração disposto para a obra independente do lugar, aos pastores de jovens Diego e Luany que me ensinaram a ver toda força que a juventude tem, aos missionários Waldemir e Leuza com quem aprendi como Deus é suficiente na vida de alguém, aos missionários Charles e Angélica por terem me mostrado a fidelidade das promessas de Deus e o quanto vale a pena esperar pelo tempo do Senhor. A minha mãe de coração, dona Wilza que me colocou no colo nos momentos mais difíceis da minha caminhada, você foi descanso, foi alento, foi porto seguro. A minha “Robin” gospel, Gabriela Beirão, por dividir seus superpoderes comigo, nessa missão louca dada a nós por Jesus. Agradeço também a Thamyres Silva, você é uma ótima companheira de sonoplastia e a Emmely Rodrigues, você é meu eterno tesouro.

Agradeço à todos os líderes, aos vices, aos discipuladores e as discípulas que Jesus que me deu, Paula, Lorena e Brenda, não tenho palavras pra descrever o quanto sou grata por Jesus ter me dado cada uma de vocês para cuidar e ser cuidada. Agradeço ao meu amado ministério infantil e a todos os professores/as que aceitaram esse desafio conosco, a todas as

peessoas que fazem parte dessa tribo louca que é a IENA, vocês são incríveis, aceitaram o maior desafio de todos, morrer para o mundo e viver pra Deus, “Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1 Coríntios 1:25).

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha vida, da educação básica até a graduação. E por falar nela, agradeço a minha orientadora e amiga Joyce Ribeiro, a mulher que eu tenho como referência em muitas áreas. Você é um presente na minha vida e me ensinou, dentre tantas coisas, a não ter medo dos desafios, a ser uma pessoa compromissada e excelente em tudo que faz. Minha total gratidão e afeto, você é admirável. Obrigada pela oportunidade de fazer parte do GEPEGE, pois além do crescimento intelectual, cresci como ser humano e fiz amizades incríveis. Agradeço a Lídia Sarges, que para mim é um exemplo de força, a Joneide Alexandre que me ensinou que jamais será tarde para nos redescobrirmos, você é um exemplo de resistência; à minha parceira Ana Cláudia que me mostrou que não sou tão calma quanto pensava: você testou minha paciência e encheu meu coração de amor, por isso, somos a materialização do da frase “os opostos se atraem”.

Agradeço as pessoas que trabalham na copiadora do bloco de pedagogia do campus, obrigada Muller, Antônia e Ivan, vocês me ajudaram muito, sempre muito atenciosos e alegres. Muller, meu muito obrigada por diversas vezes ter quebrado “árvores” na hora de imprimir trabalhos ou de me ajudar com meu computador, à vocês eu desejo toda a sorte de bênçãos dos céus.

Agradeço a banca avaliadora deste trabalho, ao professor Dr. Dedival Brandão, quem eu tive o prazer de conviver nesses anos de graduação, você é um excelente profissional. A professora Ana Nice de Lima Rodrigues, obrigada por ter aceitado este desafio, que a vida nos oportunize outros encontros.

A todos os professores do campus universitário de Abaetetuba, que lutam pelo campus do interior com todas as forças, vocês me ensinaram a lutar pelo ensino público de qualidade. A minha turma pedagogia 2014 por ter aceitado esse enorme desafio que durou quase cinco anos, com vocês experimentei os sentimentos mais paradoxais possíveis, foi uma intensa roda gigante cheia de altos e baixos que ficarão para sempre no meu coração, somos uma família muito, muito estranha, mas intensamente feliz.

Agradeço a minha eterna equipe de trabalho, vocês estiveram do meu lado quando nem eu conseguia estar. Lislene Pureza, você esteve por tão pouco tempo, mas ficará para

sempre comigo, você é incrível, uma mulher forte e doce, competente e determinada, estarei sempre na arquibancada da vida aplaudindo você. Cristiane Paiva, a pessoa que ri por tudo, você me ensinou a não desistir fácil, por mais difícil que tudo possa parecer. Julyana Silva, menina sonhadora, que aprendeu da maneira mais difícil a se reinventar, você é meu exemplo de recomeço. Waléria Almeida, a mais nova integrante da equipe, já no final do curso, a quem eu tenho profunda admiração e respeito, você é extremamente leal. Jaqueline Reis, a pessoa mais empática que eu conheço, você me ensinou que a única pessoa capaz de nos parar somos nós mesmo, você sempre será meu exemplo de superação. Thaize Moraes Ferreira ou Ferreira Moraes, confesso que nunca aprendi, você me arrastou com suas atitudes, menina mulher de poucas palavras, mas de opinião forte, você é meu exemplo de força, de fé e de humildade, você é minha irmã, minha fiel escudeira, minha companheira para toda vida. Amo vocês.

Por último e não menos importante, FORA TEMER!

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1. Entrada da escola

Imagem 2. Entrada dos funcionários

Imagem 3. Recipiente para comer açaí

Imagem 4. Quantidade de açaí conseguido por um aluno após troca com outro colega

Imagem 5. Alunos dividindo açaí em uma mesma tigela

Imagem 6. Alunos pegando restos de açaí dos colegas

Imagem 7. Alunos pegando restos de açaí dos colegas

Imagem 8. Desperdício: comida não consumida por falta do açaí

Imagem 9. Desperdício: comida não consumida por falta do açaí

Imagem 10. Quantidade de comida servida para os alunos

Imagem 11. Palmeira com o cacho de açaí

Imagem 12. Culinária paraense

Imagem 13. Culinária paraense

Imagem 14. Crianças param de comer quando acaba o açaí

Imagem 15. Crianças param de comer quando acaba o açaí

Imagem 16. Aluna lambendo a tampa de um recipiente que guardava açaí

## RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada na Escola de tempo integral E.M. Joaquim Mendes Contente, no município de Abaetetuba. A pesquisa teve como objetivos refletir o açaí como indispensável na alimentação dos povos ribeirinhos de Abaetetuba; explicar as razões da política de merenda escolar do município excluir o açaí das refeições; refletir como crianças e jovens representam e constituem suas identidades por meio do açaí. Como referencial teórico acionei Raymond Williams (1992), Stuart Hall (1997), Hobsbawm (1984), Clifford (2008), Moreira (2002), Tomaz Tadeu da Silva (2000) (2004), Woodward (2000) Ribeiro (2010) e Gomes (2013). A pesquisa é uma aproximação da etnografia pós-moderna (Clifford, 1998), com observação de fevereiro a maio de 2018; os sujeitos da pesquisa são alunos e alunas do 1º ao 5º ano, alguns profissionais da escola e integrantes do conselho da merenda escolar. Além da observação, a produção de informações se deu por meio de conversações, captura de imagens para a composição do diário de campo. Os resultados informam que a relação do Abaetetubense com o açaí é diferenciada dos demais paraenses, pois ao longo dos anos este fruto se tornou a refeição principal em suas mesas, tanto que na Escola Mendes Contente, no horário do almoço, sem o açaí alunos deixam de almoçar havendo grande desperdício de comida. O Conselho de Alimentação Escolar (CAE), e a PMA desconsideraram essa tradição alimentar da cultura local, pois não reconhecem a centralidade do açaí como hábito alimentar, logo, não pensam uma política cultura de merenda escolar que inclua o açaí, para evitar o desperdício e garantir a alimentação de qualidade na escola, para o desenvolvimento físico e social dos alunos, e para a constituição de identidades pelo pertencimento.

**Palavras-chave:** Açaí. Tradição. Merenda escolar. Identidade. Política Cultural.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	<b>01</b>
<b>I A EMEF JOAQUIM MENDES CONTENTE .....</b>	<b>10</b>
1 A Escola de tempo integral Joaquim Mendes Contente .....	10
2 O açaí como alimento na merenda escolar: visão dos sujeitos escolares.....	12
3 O açaí: alimento básico da população paraense .....	19
<b>II A POLÍTICA DE MERENDA ESCOLAR .....</b>	<b>22</b>
1 Merenda escolar: aspectos históricos, legais e políticos .....	22
2 A política da merenda escolar e a inclusão do açaí: problemas e desafios .....	26
3 A política local de merenda escolar: possibilidade de inclusão do açaí.....	33
<b>III TRADIÇÃO ALIMENTAR DO AÇAÍ E AS IDENTIDADES .....</b>	<b>35</b>
1 A tradição do açaí no município de Abaetetuba .....	35
2 Política cultural de merenda escolar: tradição alimentar do açaí e as identidades	38
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>
<b>SITES PESQUISADOS .....</b>	<b>47</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

E pensar que um dia quis ser engenheira civil, não desmerecendo a profissão, mas hoje percebo que não teria me realizado como, agora, na Pedagogia. Cheguei carregada de preconceitos sobre o curso, dizendo pensando que desistiria ou trocaria a graduação na primeira oportunidade. Não sabia que a universidade iria reinventar-me, pois não me imaginava como pesquisadora. Hoje percebo o quanto foi positivo viver a universidade e me permitir conhecer mais sobre Abaetetuba.

O olhar preconceituoso sobre o interior está arraigado em nós de maneira tão natural, que passamos a desprezar aquilo que nos identifica como sujeitos coletivos. E está tão naturalizado esse processo, que não conseguimos perceber e o manifestamos em nossos discursos e em nossas ações quando estamos sendo preconceituosos. Quando recebi a notícia que passei no vestibular em janeiro de 2014, no curso de Pedagogia, no campus universitário de Abaetetuba, minha reação foi totalmente diferente do que todos esperavam. Eu não comemorei e não fiquei nada feliz. Meus familiares tentavam me estimular dizendo que eu estava dentro da Universidade Federal do Pará, mas eu não conseguia enxergar a beleza do curso de Pedagogia e do Campus Universitário de Abaetetuba.

Realmente, não sabia o que me esperava dentro da universidade. Fui me permitindo e comecei a conhecer o curso e a cidade de Abaetetuba. Engajei-me no GEPEGE e lá me apaixonei por uma Abaetetuba cheia de representações importantes que não conseguia enxergar até então. Conheci o Brinquedo de Miriti, fui na feira, no mercado de peixe, tomei mingau de açaí na rua, comprei comida crua já temperada, tomei a chula do açaí e tantas outras coisas que já havia feito antes, mas agora carregadas de significado e afeto, possibilitando-me enxergar, como relata Gomes (2015), Abaetetuba como a cidade da Arte.

Abaetetuba uma cidade híbrida com múltiplas representações localizada às margens do Rio Marataúira, a poucas horas da Capital do Estado do Pará, Belém. Seus rios e igarapés são como cordões umbilicais, que ligam a cidade, o campo e suas ilhas, que cercam a cidade de Abaeté com seu rico e misterioso imaginário popular, suas lendas e mitos, encantando os visitantes (LOBATO, 2016, p. 12).

Sobre as atividades econômicas do município, Lobato (2016) afirma que o comércio ainda é a principal, mas que também atividades como a pecuária, o extrativismo de madeira, açaí, a agricultura e a produção e comercialização do brinquedo de miriti, artefato cultural que

hoje do reconhecimento e prestígio a nível mundial para a cidade de Abaetetuba. A comercialização do açaí e a forma como os abaetetubenses se relacionam com o fruto também é algo que destaca a cidade, que hoje carrega o título de segundo maior produtor de açaí no mundo, ficando atrás somente de Igarapé-Miri, cidade vizinha.

O açaí é o fruto do açazeiro, uma palmeira que cresce na região amazônica do Brasil. Além da palmeira produzir um saboroso palmito, o fruto é considerado um superalimento e uma das fontes mais ricas de antioxidantes, sendo muito utilizado pelos paraenses como alimento indispensável nas refeições; já nos outros estados brasileiros o açaí é muito utilizado para fazer bebidas energéticas, geleias, vitaminas, doces e sorvetes. O nome científico do açaí é *Euterpe oleracea* e pode ser comprado sob a forma de fruto, polpa ou suplemento alimentar em alguns supermercados e lojas de produtos naturais por todo o Brasil e até em outros países, sendo uma ótima fonte energética.

Durante anos, os abaetetubenses desenvolveram uma forma particular de se relacionar com o açaí, carregado de costumes e crenças, que ao mesmo tempo que os identifica coletivamente como paraenses, cria identidades regionais carregadas de uma tradição ímpar. A identidade é marcada por meio de símbolos (SILVA, 2000, p.08), pois há uma associação da identidade da pessoa com as coisas que ela consome e usa. Mesmo assim, entendemos aqui, identidade nas palavras de Hall (1987), como uma “celebração móvel”.

A cultura do açaí é bastante presente na vida do abaetetubense, visto que existem famílias que se dedicam intensamente à essa tradição alimentar de longa data. Sua origem não é oficial e sim popular, por isso é difícil saber sua origem certa (HOBSBAWN, 1984) e, por isso, não se tem conhecimento de quando e como começou. Em todo caso, é muito comum a crença que por uma questão de necessidade financeira, as famílias ribeirinhas de Abaetetuba, começaram a utilizar o açaí como base da sua alimentação.

Nos *blogs* e *sites* relacionados a história do açaí, é comum encontramos a lenda sobre a história de uma tribo indígena situada onde hoje é a capital do estado do Pará, Belém. A lenda conta que devido à escassez de alimentos, o cacique da tribo Itaki decretou que todas as crianças recém nascidas fossem mortas. Em um belo dia, sua filha, a índia Iaçá, engravidou e ao dar à luz também precisou fazer o sacrifício, o que a deixou muito triste, fazendo com que todos os dias a índia chorasse amargamente. Tempos depois Iaçá foi encontrada morta abraçada à uma palmeira, seus olhos negros estavam fitados em direção ao fruto que vinha da árvore. Seu pai, o cacique da tribo Itaki, batizou o nome do fruto de açaí (Iaçá invertido) e

desde aquele dia começou a utilizar o fruto como parte da alimentação da sua tribo, cancelado o decreto para matar recém-nascidos. A lenda do açaí é muito conhecida entre os paraenses e nos mostra como a cultura indígena influenciou e influenciou na alimentação dos ribeirinhos.

Anos se passaram, e hoje a tradição do açaí é mantida, sendo o fruto a base alimentar do abaetetubense para praticamente toda a população, na região das ilhas e na área urbana. O açaí é consumido tradicionalmente junto com a farinha de mandioca, conhecida também como farinha d'água ou com a farinha de tapioca, geralmente gelado, para ser ingerido com peixe, camarão, jacaré, caranguejo, enfim, para o abaetetubense, com praticamente todos os tipos de carnes. Outro uso comum do fruto, nessa região, é na forma de mingau, engrossado com farinha ou arroz. Segundo Brondízio et al. (2002), “[...] as comunidades caboclas combinam produções direcionadas tanto para o consumo familiar quanto para os mercados locais e/ou regionais, garantindo, dessa forma, a continuidade da unidade de produção, indiferentemente dos altos e baixos preços praticados nas redondezas” (*apud* NASCIMENTO; GUERRA, 2016, p. 2). Já a polpa do açaí, adoçado com xarope de guaraná, é amplamente consumido nos demais estados brasileiros.

O interesse em pesquisar sobre a cultura do açaí surgiu a partir do momento em que ingressei no grupo de pesquisa GEPEGE (Grupo de Estudos e Pesquisa Gênero e Educação) como bolsista de Extensão. Lá comecei a estudar sobre as diversas representações do município, que atualmente é conhecido como a capital do miriti. Nesses estudos comecei a enxergar uma cidade plural e com uma representação extremamente volátil e, logo surgiu comentários da possibilidade da cidade também ganhar visibilidade por meio do açaí, já que atualmente ela também é reconhecida como uma grande produtora desse fruto.

Não foi fácil saber exatamente o que eu iria pesquisar, mas a ideia de falar sobre açaí, já havia se tornado o combustível necessário para eu não desistir. A grande questão seria como transforma-lo em meu tema de pesquisa associando-o ao debate educacional. Com o tempo vários questionamentos foram surgindo, e, ao final, propus a seguinte questão de estudo: O que caracteriza o açaí como indispensável na alimentação dos povos ribeirinhos de Abaetetuba? Por que a política de merenda escolar do município excluiu o açaí das refeições? Como crianças e jovens representam e constituem suas identidades por meio do açaí?

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivos refletir o açaí como indispensável na alimentação dos povos ribeirinhos de Abaetetuba; explicar as razões da política de merenda

escolar do município excluir o açaí das refeições; refletir como crianças e jovens representam e constituem suas identidades por meio do açaí.

Esta pesquisa possui relevância pessoal, acadêmica e social. Do ponto de vista pessoal o açaí sempre fez parte da minha história, desde meus seis meses de vida, quando minha avó materna fazia mingau de açaí com farinha d'água para substituir o leite materno, já que minha mãe passava o dia fora estudando e trabalhando. O açaí desde então, passou a fazer parte de praticamente todas as minhas refeições e quando desobedecia meu pai aplicava como castigo a retirada do açaí de minha alimentação, ao que eu fazia greve de fome, não para atingir meu pai, mas porque não conseguia comer sem açaí. Meu pai ficava extremamente chateado e via meu comportamento como 'tolice'; minha mãe sempre intervia por mim e dizendo que me entendia, e explicava ao meu pai (que é natural de Capitão-Poço uma cidadezinha do Pará que teve muitas influências nordestinas; minha mãe é natural de Abaetetuba e foi morar para Barcarena com 15 anos) que o açaí era como o arroz para mim. Relembrando essas experiências, percebi como o açaí fez e faz parte da minha vida, da cultura ribeirinha, e como desenvolvemos uma relação particular com o fruto carregada de valores e costumes diferentes, tornou o açaí indispensável em nossas mesas.

No aspecto acadêmico, é necessário ampliar os estudos e debates sobre merenda escolar, cultura local e identidade na região, principalmente sobre seus significados transmitidos dentro da escola, possibilitando desnaturalizar lacunas existentes a respeito desse assunto, contribuindo para a melhoria teórico-metodológica nessa área de estudo, especialmente a educação local.

Do ponto de vista social, o projeto uma vez realizado pode trazer contribuições não somente para a sociedade abaetetubense, mas também para as demais regiões brasileiras, pois traz subsídios em vários aspectos: cultural, econômico, político, informacional e educacional, contribuindo para o reconhecimento das tradições alimentares locais e a merenda escolar, além de considerar as tradições e os costumes particulares desenvolvidas no município. Do ponto de vista educacional, destaca a cultura do açaí e sua relevância para a merenda escolar e para a aprendizagem satisfatória.

A pesquisa está caracterizada dentro de uma perspectiva qualitativa, que me deu muitas possibilidades para falar sobre o açaí. Ghedien e Franco (2011, apud SILVA, 2012, p. 31), ao descreverem as características da pesquisa qualitativa, afirmam que “[...] o cotidiano

passa a ser percebido como espaço significativo, cultural, em que os seres humanos constroem sua existência e se fazem transformadores de circunstâncias”. Sendo assim, pretendi analisar o cotidiano de alunos e alunas na primeira escola de tempo integral no município de Abaetetuba, objetivando perceber como esses alunos/as se relacionavam com o açaí, os símbolos culturais e os valores representados nesse processo de identidade.

O referencial teórico é do campo dos Estudos Culturais, e conta com Raymond Williams (1992), Stuart Hall (1997), Hobsbawm (1984), Clifford (2008), Moreira (2002), Tomaz Tadeu da Silva (2000) (2004), Woodward (2000) Ribeiro (2010) e Gomes (2013), na intenção de esclarecer ferramentas analíticas muito usadas no texto como culturas, identidades, tradição e política cultural.

Quanto ao procedimento metodológico, decidi por uma aproximação da etnografia pós-moderna, também conhecida como a “nova” etnografia, que nos possibilita interpretar as informações observadas em campo, pois se “[...] propõe entender a diversidade mesma dos processos de construção dos textos etnográficos, visualizando-os como empreendimentos textuais situados em circunstâncias históricas e culturais específicas” (CLIFFORD, 1998, p. 9). Esses textos são resultados das experiências vividas pelo pesquisador e outros personagens envolvidos no contexto da pesquisa.

Entre minhas dificuldades, comecei enfrentando a dificuldade em descrever o conceito de etnografia pós-moderna. Porque para isso, na minha forma de estudar, precisei entender o surgimento da etnografia e as demais metodologias de pesquisa. Foi nesse intenso exercício sobre o conceito de etnografia e suas características, que aprendi como o trabalho de campo exige um intenso envolvimento do pesquisador, como forma de produzir conhecimento.

[...] O trabalho de campo etnográfico permanece como um método notavelmente sensível. A observação participante obriga seus participantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e frequentemente um ‘desarranjo’ das expectativas pessoais e culturais (CLIFFORD, 1998, p. 20).

Como argumenta Ribeiro (2010, p. 268), a etnografia passa a ser considerada uma invenção cultural, e como atividade híbrida abre espaço para as novas modalidades de composição (coleta de dados), de colagens, escrituras e críticas. Aqui importa a forma e não o conteúdo da etnografia, sendo considerados como textos situados e historicamente

construídos. Para Clifford (1998, apud RIBEIRO, 2010, p. 268) “a etnografia é uma forma de escrever a cultura, e não de representá-la como algo que existe ou não”.

A aproximação da etnografia adquiriu extrema importância na consolidação desse trabalho. Permitindo um sentimento de propriedade e segurança adquirido na pesquisa de campo, e ao mesmo tempo respeito por toda a realidade observada dentro da escola. Sempre que apresentava os resultados de pesquisa, dentro do GEPEGE, como bolsista de extensão, sentia a propriedade nos textos escritos por uma colega do grupo que era bolsista Pibic. Havia apresentações nas quais cabia detalhar a pesquisa, e que por frações de segundos, era como se eu estivesse dentro dos Ateliês de produção do brinquedo de miriti, observados por ela. E hoje, posso desfrutar dessa experiência por meio desta pesquisa de campo realizada na Escola Joaquim Mendes Contente.

Foi uma jornada intensa antes de encontrar o lócus de pesquisa. Primeiramente porque a escola não era minha opção, mas como é comum algumas coisas mudarem entre o primeiro pré-projeto e o término da pesquisa de campo, percorri um longo caminho até chegar na escola. Foram muitas ligações, informações e busca por espaços, até que em uma visita ao Conselho de Alimentação Escolar (CAE) do município de Abaetetuba, procurando por uma escola em que o açaí fosse parte da merenda escolar, a nutricionista do conselho me indicou a EMEF Joaquim Mendes Contente. Ela informou que era a primeira escola de tempo integral do município e que o conselho não disponibilizava açaí todos os dias para a escola, mas que as crianças podiam trazer o açaí de casa, porque “eles não comiam sem”, como disse a própria nutricionista. Essas poucas informações trouxeram várias possibilidades e um anseio por iniciar o mais rápido possível a pesquisa, que ainda demorou um mês, devido a escola estar no período de recesso de início de ano.

Sendo assim, no dia 26 de fevereiro de 2018 iniciei uma pesquisa que durou de fevereiro a maio de 2018, e devido a várias situações, terminou no dia 17 de maio do corrente ano, com 4 horas de observações diárias. A pesquisa foi realizada na EMEF Joaquim Mendes Contente, que está localizada na Rua Joaquim Mendes Contente, bairro Aviação, logradouro Av. D. Pedro II, nº 1432, Abaetetuba – PA.

Para compreensão da pesquisa é preciso caracterizar os sujeitos que fazem parte dela, vale ressaltar, que todos os nomes aqui declarados são fictícios. Na escola, foram

entrevistados vários sujeitos, alunos/as, professores/as, diretora, agente administrativa, agentes de limpeza, de portaria e merendeiras.

Na escola, as séries vão do 1º ao 5º do ensino fundamental e os alunos tem entre seis e treze anos, denominam-se católicos e evangélicos, a maioria mora em áreas consideradas de risco e os arranjos familiares são diversos. É possível perceber através do material escolar e de higiene, quem são os alunos com melhores condições financeiras.

Os professores/as possuem idades variadas, entre vinte e quarenta anos, a maioria são casados e possuem filhos, outros são solteiros, e as opções sexuais são variadas. Intitulam-se católicos, evangélicos e espíritas. Alguns são contratados e outros concursados. Os professores são divididos em dois grupos, os que dão aula no período da manhã, que são considerados os professores responsáveis pela turma e os que d Todos residem em Abaetetuba.

A diretora, está no segundo ano de gestão. É viúva e possui filhos. Denomina-se católica. E não demonstrou muita abertura nos dias em que estive na escola. A agente administrativa também trabalha na escola há dois anos e mora em Barcarena. É casada e denomina-se evangélica, de todos os profissionais entrevistados, ela se mostrou mais aberta para os diálogos.

Os agentes de limpeza são homens e mulheres com idades entre vinte e quarenta anos. São católicos e evangélicos. Trabalham em horários variados e suas funções são distribuídas de acordo com os espaços da escola, uns cuidam da cantina, outros dos banheiros, outros das salas de aula e assim por diante. Os agentes de portaria são dois, todos homens, católicos e trabalham na escola há mais de quatro anos. Somente um deles é casado e aparentam ter entre quarenta e cinquenta anos. Eles trabalham durante todo o dia na escola, mas os dias trabalhados são alternados entre eles.

Dos funcionários que trabalham na cantina, todas são mulheres, com idade entre vinte e sessenta anos. A maioria delas são casadas e possuem filhos. Intitulam-se católicas e evangélicas. E muitas delas trabalham na escola há mais de quatro anos. De todas as pessoas entrevistadas, as merendeiras se mostraram mais resistentes, tentei várias vezes dialogar com elas, mas não obtive sucesso. Somente no último dia de pesquisa, consegui conversar com a funcionária que era responsável pela organização dos alunos nos intervalos das refeições e mesmo assim ela não se mostrou à vontade.

Na visita ao Conselho de Alimentação Escolar, conversei com o conselheiro de merenda e com a nutricionista. Eles estavam na função há quase dois anos e suas opiniões a respeito do açaí na alimentação escolar dos alunos eram diferentes.

Essas experiências vividas envolvem tanto a observação quanto a escrita, o qual posteriormente constitui-se o diário de campo, algo muito pessoal, pois nele está contido todos os detalhes observados na experiência etnográfica de uma cultura, neste caso a cultura do açaí dentro da escola. O diário de campo é

[...] um inventivo texto polifônico. É um documento crucial para a história da Antropologia, não porque revela a realidade da experiência etnográfica, mas porque nos força a enfrentar as complexidades de tais encontros e a tratar os relatos textuais baseados em trabalho de campo como construções parciais (CLIFFORD, 1998, apud RIBEIRO, 2010, p. 272).

Outros instrumentos de produção de informação que utilizei na pesquisa, foram a conversação e a captura de imagens no cotidiano da escola. Esses recursos me auxiliaram a suprir certas demandas apresentadas pela pesquisa sobre a cultura do açaí na merenda escolar. Quanto às conversações, estas se deram pela interação entre pesquisador e pesquisado, que acontece de maneira simples e proporciona uma grande flexibilidade nos assuntos. De acordo com Ribeiro (2010), “além da observação, há diálogos, coleta de documentos, captura de imagens, etc. tudo com a única intenção de desnaturalizar eventos e pessoas que parecem naturais” (p. 271). Desnaturalizar aquilo que com o tempo se tornou natural, como a concepção que as pessoas dos demais municípios vizinhos tem em relação a Abaetetuba, de que os abaetetubenses tomam açaí fino por opção.

A fotografia foi uma técnica extremamente importante, utilizada como forma de produzir dados, pois

[...] a fotografia facilita o registro das múltiplas dimensões e dinâmica de uma comunidade, não revelando apenas a imagem do real, mas também às intenções, saberes, ideologias, emoções, sensibilidade, preocupações humanas e sociais do fotógrafo pesquisador” (SILVA, 2012, p.35).

No fim, a etnografia é uma forma de atuação, uma performance com um enredo organizado a partir de “[...] histórias contadas ou constituídas por meio de relatos escritos, que por sua vez descreve eventos reais” (RIBEIRO, 2010, p. 274).

O trabalho é composto por três sessões organizadas da seguinte maneira; a primeira sessão está subdividida em itens que tratam a Escola de tempo integral Joaquim Mendes Contente, o que dizem os alunos e professores sobre o açaí como alimento na merenda

escolar; na segunda sessão, discuto a merenda escolar, seus aspectos históricos, legais e políticos, os problemas e desafios da introdução do açaí como item na merenda escolar, bem como a política local de merenda escolar e a possibilidade de inclusão do açaí. Na terceira, apresento um debate sobre a tradição alimentar do açaí e a constituição de identidades.

Foi um grande desafio conseguir passar para o papel tudo aquilo que fluía de maneira simples por meio da linguagem verbal. Sempre tive muita facilidade em apresentar meus trabalhos orais, mas escrever sobre eles sempre foi meu calcanhar de Aquiles. Ler todas as referências teóricas não foi difícil, e eu até explicava tudo o que lia para mim mesma na frente do espelho, mas colocar as palavras no papel me paralisavam. Ao final, consegui escrever o que agora apresento, esperando permitir conhecer um pouco da cultura do açaí.

## I

### O A EMEF JOAQUIM MENDES CONTENTE E A CULTURA DO AÇAÍ

Esta primeira sessão é fruto de um olhar investigativo, sobre o cotidiano escolar da EMEF Joaquim Mendes Contente localizado no município de Abaetetuba-PA, onde busquei problematizar o significado do açaí na merenda escolar, já que o açaí não se restringe a um simples fruto, mas é um alimento primordial na mesa do abaetetubense estando presente no cotidiano da merenda escolar.

Portanto, organizei a sessão da seguinte maneira: a escola de tempo integral Joaquim Mendes Contente, onde contextualizo a realidade da escola para melhor compreensão do lócus de pesquisa, em seguida relato o que dizem os alunos e os profissionais que trabalham na escola sobre o açaí como alimento na merenda escolar e finalizo falando como este alimento é base da alimentação, evidenciando sua importância para a cultura paraense.

#### **1 A Escola de tempo integral Joaquim Mendes Contente**

A escola municipal de 1º grau Joaquim Mendes Contente foi construída em convênio com o Ministério de Educação e Cultura e Prefeitura Municipal de Abaetetuba na administração de Jader Fontenele Barbalho, na época governador do estado, junto à João Alberto de Souza Bitencourt, na época prefeito da cidade e seu vice-prefeito Gabriel Pereira Paes, e inaugurada em 17 de fevereiro de 1984. No governo da prefeita Francinete Maria de Souza Carvalho (gestão passada) houve uma reforma geral e ampliação da escola, com recurso do FUNDEB<sup>1</sup>, inaugurado em 11 de agosto de 2011.

Atualmente a escola está localizada na Rua Joaquim Mendes Contente, bairro Aviação, logradouro Av. D. Pedro II, nº 1432, Abaetetuba - PA, CEP: 68440-000. Segundo dados do relatório do perfil da escola no ano de 2018 (INEP 15066363), a escola está localizada na área urbana da cidade, é administrativa pelo poder público municipal e não é

---

<sup>1</sup> Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação – é um fundo especial, de natureza contábil e de âmbito estadual, formado, em quase sua totalidade, por recursos proveniente dos impostos e transferências dos estados, Distrito Federal e municípios, vinculados à educação (disponível em [www.fnnde.gov.br](http://www.fnnde.gov.br)).

conveniada com o Governo do Estado. Possui regulamentação no Conselho Municipal de Educação e funciona em prédio próprio. A escola possui 7 salas de aula e todas as 7 estão em funcionamento. A água consumida pelos alunos é filtrada e o abastecimento vem de um poço artesiano; o abastecimento de energia é feito pela rede pública. A escola também possui fossa e a respeito à destinação do lixo a coleta acontece de forma periódica.

**Imagem 1: Entrada da escola**



Fonte: Bezerra, 2018.

**Imagem 2: Entrada dos funcionários**



Fonte: Bezerra, 2018.

Desenvolvi a pesquisa na escola no período de fevereiro a maio de 2018 e fui com a intenção de observar o açaí na merenda escolar e a representação dos demais profissionais e alunos com o açaí.

Fui até a escola, conversei com a coordenadora do vespertino e solicitei a autorização para realizar a observação, e a resposta foi positiva, pois ela ficou bem animada com o tema da pesquisa. Enquanto a data para fazer as observações não chegava, fiquei imaginando como seria observar a forma como os aluno/as se relacionam com o açaí na primeira escola de tempo integral de Abaetetuba. Imaginava cada um com sua tigela, as comidas características do município, mingau de açaí na hora no lanche e uma série de outros detalhes. Eu imaginava um lugar harmônico.

Quando finalmente chegou o grande dia, não foi nada do que imaginei. Os primeiros dias de observação foram difíceis, sentia-me pisando em ovos o tempo todo, pois eu era uma estranha dentro de um espaço público e democrático. No início, tentei passar despercebida, pois sentia uma resistência enorme por parte dos funcionários da escola. Ao mesmo tempo

entendia e respeitava aquela postura, pois de igual modo todos eles se sentiam observados e por isso, inicialmente eram cautelosos em sua conduta.

## **2 O açaí como alimento na merenda escolar: visão dos sujeitos escolares**

No primeiro dia cheguei logo pela manhã e percebi entre outras coisas, que às 07h30min quando os alunos chegam, alguns já trazem seu açaí e com ele a certeza de que naquele dia irão almoçar bem. Sem esquecer é claro, da indissociável farinha d'água. “Porque açaí sem farinha se torna suco e não comida”, como eles mesmo dizem.

Como nos primeiros dias fiquei boa parte do tempo na entrada da escola conversando com os pais, mães e um agente de portaria, observei alguns alunos perguntando se alguém tinha ido lá deixar um pouco de açaí para eles, e na maioria das vezes a resposta era negativa. As crianças voltavam para a sala de aula de cabeça baixa. Quando chegava a hora do intervalo de almoço, o salão se tornava uma praça de negociações onde era travada uma série de trocas entre alunos e alunas, devido não haver açaí e nem farinha para todos, pois nem todos têm condições financeiras para levar o açaí; sem o açaí muitos deles ficavam sem almoçar, mesmo tendo almoço disponível.

As negociações se dão da seguinte maneira: na hora do almoço, os alunos que não levam o açaí trocam com seus colegas que levam açaí pedaços de carne ou frutas, mas há muitas outras negociações são feitas entre eles, o que chamou minha atenção. Na hora do almoço não tem amizade mais forte do que a mediada pelo açaí e nem castigo pior do que ficar sem ele.

Houve situações que me abalaram profundamente nesses dias de pesquisa. Como o caso de uma aluna do 3º ano que passava o dia sem comer por não ter açaí e seus colegas não dividiam com ela por ser negra e ter “cabelo de homem”. Ficava me perguntando como a segunda cidade que mais produz açaí no mundo e que desenvolveu um jeito tão particular de se alimentar, não tem o açaí como parte da alimentação regular dos alunos. Foi nesse momento que realmente compreendi o significado do ‘desarranjo’ das expectativas pessoais e culturais citado por Clifford (1998).

Os alunos que trazem seu açaí de casa têm a opção de deixá-lo na cantina, em um recipiente plástico bem grande onde são guardados para serem servidos na hora do almoço.

Outros preferem levar consigo para a sala, pois como já houveram casos de sumiço de açaí, preferem não arriscar.

### Imagem 3 – Recipiente para comer açaí



Fonte: Bezerra, 2018.

Quando perguntei para as crianças se eles queriam que a escola disponibilizasse o açaí, as respostas eram muito diretas “claro né tia?”, “sim”, “meu sonho tia”, “lógico né?” e assim por diante. Já os professores, por terem mais desenvoltura para falar, discorriam melhor sobre essa relação “viciante com o açaí” e até reconheciam que muitas vezes se viam nas crianças, principalmente quando era chegada a hora do almoço e não tinha o açaí. Em uma conversa com os professores na hora do intervalo, um deles fala sobre como os alunos se comportam na hora do almoço e de igual forma, relata que suas atitudes enquanto adulto não são tão diferentes.

*Mas olha, tu vai ver no intervalo, é aluno dividindo açaí com outro aluno, é aluno jogando água na tigela pra ‘render’, é um pouquinho que eles trazem e dividem pra dois ou três amigos. Até nós as vezes entramos nessa por açaí, fazemos coleta e compramos porque o vício é cruel. Eu to tentando me livrar desse vício, mas é muito difícil, até que na escola eu seguro, mas quando chego em casa, não consigo. É por isso que eu to gordo desse jeito. Preciso fazer um regime (José, professor do 5º ano, 2018).*

Tanto alunos quanto professores falavam dessa relação com o açaí como um vício, onde viam esse alimento como algo extremamente difícil de “largar” e em vários momentos da pesquisa foi possível observar as condutas que evidenciavam essa relação de dependência

com o açaí. Na escola há muitos alunos que não almoçam quando não trazem açaí de casa ou não conseguem trocá-lo com os colegas. Como eles diziam, mesmo com arroz e feijão no prato, tem que ter o açaí, pois “se não tiver não é almoço”, “se não tiver a gente come por que tem que comer ou nem faz questão de comer”. E no final das contas, o que definia se muitos alunos iriam almoçar não era a fome ou o cardápio do dia, mas sim a presença ou ausência do açaí, independentemente da quantidade e da qualidade.

**Imagem 4 – Quantidade de açaí conseguido por um aluno após troca com outro colega**



Fonte: Bezerra, 2018.

**Imagem 5 – Alunos dividindo açaí em uma mesma tigela**



Fonte: Bezerra, 2018.

No período em que os alunos estavam na escola, haviam três intervalos para as refeições: o intervalo do lanche da manhã às 09h00min, o intervalo de almoço que inicia às 11h15min com os alunos do 1º ano, os únicos que não ficavam no período integral mas que a escola deveria oferecer almoço para eles, e a cada 15 ou 20 minutos outra turma era liberada e a anterior saía, por último intervalo do lanche da tarde que ocorre às 15h00min. Nos intervalos do lanche a escola geralmente oferece mingau de arroz, bolacha, suco industrializado, achocolatado, leite ou sopa. E no intervalo de almoço era servido arroz, feijão, macarrão com frango, carne moída, frango guisado e, raríssimas vezes, charque cozido. Basicamente eram esses os alimentos que o conselho disponibilizava para a escola e com eles, as merendeiras deveriam criar possibilidades diferenciadas para serem servidas nos horários das refeições dos alunos.

A comida chegava na escola em uma bicicleta cargueira<sup>2</sup>, nela vinham caixas de frango e carnes congeladas, caixas de frutas e temperos, entre outros. Produtos industrializados como o suco, café, açúcar, bolacha e produtos de limpeza, não chegavam na escola dessa forma, mas no tempo que estive fazendo a pesquisa, não presenciei a maneira como eles chegavam. A quantidade e variedade de frutas e verduras eram poucas, assim na sobremesa do almoço, quando tinha, a única opção de fruta era a maçã. De maneira semelhante acontecia com as carnes, o frango vinha inteiro e congelado, as merendeiras as vezes preparavam ele guisado, outras vezes desfiavam e faziam com macarrão ou arroz, já a carne vermelha só vinha moída, quando sobrava muito do almoço elas faziam sopa para o lanche da tarde, ou aproveitavam a comida de alguma forma para fazer no almoço do outro dia. Dentre as verduras e temperos só vinha batata, cenoura, cebola e alho, muitas vezes presenciei as merendeiras indo comprar sacolinhas de tempero próximo a escola, nas palavras delas “para deixar o almoço com um gosto melhor”. Já nos últimos dias em que estive lá, a escola recebeu quantidades um pouco maiores de batatas e cenouras e as merendeiras fizeram saladas cozidas e purês para as crianças, mas não foi bem aceito por elas.

Devido as poucas opções oferecidas pelo conselho, as refeições eram bem repetitivas e muitos alunos reclamavam, alguns pais ou responsáveis que tinham mais tempo e condição financeira, levavam comida nos intervalos das refeições. Tive a oportunidade de conversar com a tia de um aluno do 3º ano que era uma dessas pessoas que iam todos os dias levar

---

<sup>2</sup> Este modelo de bicicleta é ideal para atender necessidades de comerciantes, vendedores e empresários em geral, permite diversas funções como a venda de lanches, bebidas, doces, entre outros (disponível em [www.dreambike.com.br](http://www.dreambike.com.br))

comida. Perguntei a ela porque seu sobrinho não comia o que era oferecido pela escola e se ela tinha conhecimento porque não era disponibilizado açaí para os alunos, já que seu sobrinho tomava açaí todos os dias.

*Ele não gosta da comida daqui, ele diz que não é boa. Ai ele só come se tiver açaí. Hoje mesmo quando fui entrando, vi um aluno esperando o pai vim buscar ele, porque não tinha açaí para ele comer. Às vezes eu até divido o açaí do Felipe com ele. E seria bom se a escola oferece açaí, eu até estava falando nisso na semana passada para mãe dele. Acho que é porque fica caro né? Mas o açaí faz parte da nossa alimentação. Eu não sei porque a escola não oferece açaí, o Felipe estuda aqui há dois anos, mas eu não sei, a escola nunca ofereceu (Andria, tia de um aluno do 3º ano, 2018).*

Os alunos reclamavam bastante do cardápio na hora do almoço, uns falavam da falta de variedade nas refeições, uns diziam que passavam mal com o que era servido e outros que só o açaí ajudava na hora de comer.

*Todo dia é a mesma coisa, eu não gosto da comida daqui, eles são ricos e não fazem uma comida gostosa. É tia, são ricos sim, eles poderiam trazer outras comidas pra cá, como mortadela, churrasco, camarão, peixe, lasanha... tudo com açaí (Paulo, aluno do 3º ano 2018).*

*Tia eu passo mal, eu não gosto da comida daqui, eu só tomo meu açaizinho grosso mesmo. Mas tem que ser grosso, senão eu não tomo. Mamãe compra açaí pra mim todo dia, bem grosso (Valéria, aluna do 4º ano, 2018).*

Vários alunos não se alimentavam bem devido à falta de açaí, alguns passavam o dia todo sem comer e eles pareciam invisibilizados dentro da escola. Diversas vezes presenciei alunos que não traziam açaí esperarem até o último minuto do intervalo do almoço, para comer o resto do açaí que outros alunos deixavam nas tigelas e quando não sobrava nada, eles devolviam o prato para a cantina, muitas vezes sem ao menos provar a refeição oferecida pela escola.

**Imagem 6 e 7 – Alunos pegando restos de açaí dos colegas**



Fonte: Bezerra, 2018.

O desperdício de alimentos também foi algo que me chamou atenção nestes dias observados, principalmente na hora do almoço. Foi possível perceber que vários fatores contribuíam para esse descarte excessivo de alimentos, o cardápio do dia era um deles. Frango guisado, salada cozida e purês de batata eram alimentos que a maioria dos alunos não aceitavam de maneira positiva, muitas vezes devolviam o prato da mesma forma que eles pegaram na cantina, alguns só esperavam as merendeiras se distraírem, outros nem faziam questão de esconder nada.

**Imagem 8 e 9 – Desperdício: comida não consumida por falta do açaí**



Fonte: Bezerra, 2018.

Outro fator que contribui bastante para o desperdício, é a quantidade de alimentos colocado nos pratos dos alunos, pois o único alimento que fica a critério do aluno comer ou não é o feijão, os demais alimentos, como arroz, macarrão, salada, purê e as carnes, e até a maçã quando é servida como sobremesa, já ficam arrumados no prato. Fazendo com que muitos alunos fiquem tentando dar as porções que não gostam uns para os outros.

### **Imagem 10 – Quantidade de comida servida para os alunos**



Fonte: Bezerra, 2018.

O fator que mais contribui para o desperdício na escola é a ausência de açaí. Como já foi relatado, muitas crianças dividem o açaí umas com as outras, já que nem todas as famílias dos alunos tem condições financeiras suficientes para isso. Quando os alunos que costumam levar açaí não levam ou não dividem com os outros, a quantidade de comida desperdiçada é ainda maior. Pude presenciar por diversas vezes, alunos que paravam de comer a comida que estava no prato, assim que acabava o açaí que estava na tigela. Evidenciando mais uma vez como a relação do abagetubense com esse fruto é particular, como ele é determinante e indispensável na mesa do ribeirinho. Questionadas sobre o porquê elas paravam de comer quando o açaí acabava, os alunos diziam “o açaí deixa a comida mais gostosa tia”, “o açaí faz a comida descer, aí quando ele acaba, acaba a vontade de comer o resto”.

### **3. O açaí: alimento básico da população paraense**

Busco aqui levantar questões acerca da importância cultural do açaí na alimentação do paraense, visto que este produto vem se destacando a nível nacional e internacional nas duas últimas décadas, não apenas como suprimento alimentar, mas, também como fonte de renda e símbolo cultural que faz parte do cotidiano social dos paraenses.

O estado do Pará se destaca por sua diversidade natural e cultural, que o caracteriza como rico, plural e acolhedor. Vários recursos naturais dão prestígio ao estado, dentre eles a diversidade em espécies frutíferas como por exemplo o açaí, que se destaca como componente essencial na alimentação e na renda das populações ribeirinhas exercendo, assim, forte influência na atual dinâmica territorial, econômico-social e cultural.

A cultura paraense é uma civilização do açaí, e o delta amazônico é o nascedouro da produção e do consumo do fruto, conhecido também de juçara, em torno dessa atividade, tipifica-se formas de pertencimento e certos modos de afetividade, os papa-chibé (GOMES, 2013, p. 90).

O açaí é considerado atualmente o fruto de maior expressão econômica do estado, e devido a sua importância cultural foi transformado, através de lei (PARÁ, 2001), na bebida e fruto símbolo do estado do Pará, que agora passa a ser priorizado, cada vez mais, como produto econômico capaz de gerar renda para a população local.

O mercado do açaí e de seus subprodutos está cada vez mais dinâmico, em razão das possibilidades de ganho econômico, social e ambiental. No ano de 2010 o Estado do Pará deteve a maior produção nacional de açaí, cerca de 706 mil toneladas/ano, equivalente a 88% da produção nacional, destaque para as Regiões de Integração do Tocantins e Marajó as maiores produtoras, e também para os municípios de Igarapé-Miri, Abaetetuba, Bujaru, Cametá e Limoeiro do Ajuru. Nesses locais, o açaí é à base da alimentação diária de muitas famílias de agricultores e ribeirinhos (LIMA, 2013, p. 12).

Portanto, além do açaí de ser um símbolo cultural do povo paraense, ele se caracteriza como fonte de trabalho para a população, e tem possibilitado a aquisição de bens com valor de uso determinante na garantia da sobrevivência cotidiana de pequenos e grandes produtores.

**Imagem 11 – Palmeira com o cacho de açaí**



Fonte - fruitwarehouse.blogspot.com.

Dos frutos do açaizeiro é extraído o suco ou “vinho de açaí”, ou simplesmente açaí, como é conhecido no Pará, que é tradicionalmente consumido com farinha de mandioca, acompanhado do peixe, camarão ou carne, sendo um componente básico da alimentação paraense e, principalmente, para das populações de origem ribeirinha. Tomar açaí na tigela misturado com farinha d’água, é uma experiência comum na vida de um paraense, e expressa parte da cultura local e dissemina significados sobre o cotidiano.

**Imagem 12 – Culinária paraense**



**Imagem 13 – Culinária paraense**



Fonte – Prefeitura de Belém, 2015.

Devido a visibilidade do açaí nos últimos anos, seu valor no mercado local sofreu aumentos significativos, pois o fruto passou, nas últimas duas décadas a ganhar espaço em todo território brasileiro e até no mercado exterior. Pinheiro e Ferreira (2010) destacam que a nova dinâmica do açaí tem conduzido, progressivamente, a uma redefinição territorial em função do aumento na demanda comercial. Este fator que alterou significativamente a forma como os paraenses se alimentam.

No mercado local o valor do açaí é definido, segundo Xavier Et al. (2009), da seguinte maneira: a formação do preço se dá no momento da chegada do intermediário no local de comercialização. O preço de "abertura", o primeiro preço do dia, é sempre o último praticado no dia anterior. Com a chegada de barcos carregados de frutos, esse preço começa a cair, dado o aumento da oferta. Perotes e Lemos (2008), afirmam que o produtor tem um maior ou menor retorno financeiro de acordo com a distância entre a sua propriedade e o mercado consumidor, em face do custo de transporte do produto até esse mercado.

De acordo com informações de Oliveira e Neto (2005), o manejo do açaí ocorre através de um conjunto de técnicas específicas, cujo objetivo é melhorar o cultivo do fruto, visando o aumento da produtividade. Levando em consideração a facilidade ao acesso a novos estoques de recursos naturais, o extrativismo do açaí tem apresentado vantagens econômicas para a região; entretanto, tem modificado a maneira como os paraenses se alimentam, pois o açaí como base da alimentação, tem se tornado cada dia mais caro, reduzindo a quantidade desse alimento na mesa dos paraenses.

## II

### A POLÍTICA DE MERENDA ESCOLAR

Esta segunda sessão está organizada da seguinte maneira: primeiramente articulo sobre a merenda escolar e seus aspectos históricos, legais e políticos, com objetivo de contextualizar de várias maneiras o processo de consolidação da merenda escolar dentro da escola pública; em seguida busco evidenciar os problemas e desafios da introdução do açaí na alimentação escolar dos alunos e finalizo a sessão falando da política local de merenda escolar e a inclusão do açaí na dieta alimentar dos alunos no município de Abaetetuba.

#### **1 Merenda escolar: aspectos históricos, legais e políticos**

Para melhor compreensão a respeito da merenda escolar, é importante abranger inicialmente seus aspectos históricos, onde é possível observar o processo ao decorrer dos anos que gradativamente passou a responsabilidade da alimentação escolar dos alunos para a esfera pública; também é relevante abordar os aspectos legais que oficializaram a merenda escolar em todos os segmentos da educação básica e por fim, os aspectos políticos, que abordam as relações daquilo que é feito no espaço público referente a lei sobre a merenda escolar.

No que diz respeito ao Brasil, primeiramente é preciso compreender a necessidade que o país teve de organizar políticas voltadas para a suplementação alimentar da população, visto que no governo de Getúlio Vargas, na década de 30, a questão de fome tornou-se um problema político. Segundo o documento Políticas de Alimentação Escolar, a educação alimentar nas escolas começou a surgir nos anos 1930 e 1940 através de movimentos sociais por merenda escolar, partindo de iniciativas para angariar fundos, com a finalidade de fornecer alimento a seus alunos (BRASIL, 2006).

Na época era defendido a proposta de oferecer alimentação nas escolas, mas essa não se consolidou, pois o governo não tinha recursos financeiros. Essas iniciativas não tinham vínculo nenhum com o governo, mas o mesmo observou a importância da alimentação escolar e a permanência dos estudantes nas escolas, e também a diminuição da desnutrição infantil no país e isso perdurou até o ano 1979.

O Programa Nacional de alimentação Escolar (PNAE), é administrado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e é responsável pela distribuição dos recursos financeiros para os estados, para o Distrito Federal e para os Municípios. O PNAE tem como base a Constituição Federal de 1988, e garante que

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (BRASIL,1988).

A alimentação é um direito do estudante e garantido pela constituição, assim como o transporte, material didático e a assistência à saúde. O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação é um dos agentes que participam do PNAE e é responsável pela distribuição e transferência do recurso repassado pelo governo Federal (BRASIL, 2006). Os estados, os municípios e o distrito federal devem complementar esse recurso.

Para repassar o dinheiro, o FNDE abre contas para cada estado, município, Distrito Federal e para as escolas Federais, e assim, é depositado o dinheiro mensalmente. O recurso federal é transferido em dez parcelas para as entidades executoras, cada parcela corresponde a 200 dias letivos (BRASIL, 2006, p. 20). Ainda de acordo com esse documento, o valor repassado pela União, aos estados e municípios é calculado para cada aluno matriculado em cada rede de ensino.

O repasse é feito diretamente ao Estado e municípios, com base no censo Escolar realizado no ano anterior ao do atendimento. O programa é acompanhado e fiscalizado diretamente pela sociedade por meios de conselhos de Alimentação Escolar (CAE), pelo FNDE, pelo tribunal de contas da União (TCU), pela Controladoria Geral da União (CGU) e pelo Ministério Público (BRASIL, 2006, p. 22).

O Conselho de alimentação Escolar (CAE), conhecido também como conselho de merenda, é um órgão colegiado formado por pais de alunos, professores e representantes do poder executivo e legislativo, seu principal objetivo é fiscalizar a execução de todo o trajeto da alimentação escolar desde o ato de conferir a procedência e a qualidade de cada alimento do cardápio dos alunos, até a distribuição das refeições.

Segundo FNDE (BRASIL, 2006) um grande avanço para o programa de alimentação escolar é a aquisição de produtos da agricultura. Com a publicação da Lei 11.947, de 16 de julho de 2009, há a determinação de que 30% do valor repassado para o Programa Nacional de Alimentação Escolar deve ser gasto com a agricultura familiar e do empreendedor rural. E esta união deverá oferecer uma alimentação saudável e adequada, usando alimentos variados, respeitando culturas, tradições e hábitos saudáveis. A junção da agricultura familiar com a escola tem alcançado muitos avanços, permitindo por exemplo, que aja um desenvolvimento na economia local, fortalecendo a relação entre família e escola, fazendo com que os alimentos saudáveis tenham um vínculo regional e cultural com a agricultura familiar oportunizando o aluno da rede pública consumir produtos frescos diariamente.

Portanto, o PNAE se torna muito importante para toda a comunidade escolar, pois oportuniza que a compra desses alimentos seja feita diretamente da agricultura familiar, estimulando o desenvolvimento local dos municípios. O acesso a esses alimentos acontece de maneira regular na rede pública de ensino. Possibilitando uma alimentação e hábitos mais saudáveis, respeitando sua cultura e as práticas alimentares regionais. Conforme o art. 2 Lei Nº 11.947, de 11 de junho de 2009:

Art. 2º São diretrizes da alimentação escolar:

I - o emprego da alimentação saudável e adequada, compreendendo o uso de alimentos variados, seguros, que respeitem a cultura, as tradições e os hábitos alimentares saudáveis, contribuindo para o crescimento e o desenvolvimento dos alunos e para a melhoria do rendimento escolar, em conformidade com a sua faixa etária e seu estado de saúde, inclusive dos que necessitam de atenção específica (BRASIL, 2013, p. 9).

A respeito dessas diretrizes, a legislação determina que os cardápios das escolas beneficiadas pelo PNAE sejam elaborados de acordo com o perfil da população atendida e utilizem alimentos básicos integrantes da tradição alimentar local dos alunos.

Estes alimentos produzidos no âmbito escolar, oriundos da agricultura familiar, possibilitam abordagens de temáticas sobre alimentação associada a cultura local, estimulando alunos e alunos a reconhecerem suas tradições. Sendo possível, no âmbito da sala de aula problematizar questões que se referem a alimentação local e aspectos culturais que caracterizam os costumes da população atendida.

São atendidos pelo PNAE alunos de toda a educação básica, desde as escolas públicas até as filantrópicas e/ou entidades comunitárias, conveniadas com o poder público. O Programa Nacional de Alimentação Escolar é de cunho complementar e está no artigo 208,

inciso IV e VII, da Constituição Federal (BRASIL, 1988), onde determina que é dever da União, dos estados e dos municípios o atendimento ao educando, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, de transporte, de alimentação e de assistência à saúde, em todas as etapas da educação básica. Este programa possui como uma de suas diretrizes a educação alimentar e Nutricional (EAN), que tem por objetivo incentivar a adoção voluntária de práticas e escolhas alimentares saudáveis que colaborem para a aprendizagem, a boa saúde e qualidade de vida do indivíduo.

Segundo o Guia Alimentar para a população brasileira (2014) é possível observar que nos últimos anos, os hábitos alimentares vêm mudando de maneira rápida e agressiva. As pessoas referem alimentos altamente processados devido a rapidez no preparo e o tempo mais duradouro de conservação desses alimentos, enfraquecendo as habilidades culinárias destes ambientes familiares. E esses novos hábitos também tem atingido a escola, alterado a forma como os alimentos são preparados e servidos para esses alunos.

Nesse processo de transformação da vida em sociedade, o consumo de alimentos tradicionais vem perdendo espaço para o de alimentos poupadores de tempo. Esses alimentos, notadamente processados, de alta densidade energética, ricos em açúcar, sódio e gorduras, vêm se incorporando às práticas alimentares com forte suporte publicitário, delineando um padrão alimentar que está na base do aumento da prevalência de excesso de peso, de obesidade e de doenças associadas ao excessivo de peso (TEO; MONTEIRO, 2012, p. 658).

A obesidade é outro fator que está associada a esses alimentos altamente processados e também tem chamado atenção nos últimos anos. Ainda segundo o Guia alimentar para a população brasileira (2014) alguns fatores auxiliam na alteração nesse processo de aquisição de produtos naturais por industrializados na alimentação, como por exemplo o excesso de atividades dos pais que trabalham fora e por isso não possuem muito tempo para cozinhar, preferindo alimentos mais práticos e ultra processados.

Ao considerar todos esses aspectos que caracterizam a trajetória da merenda escolar no Brasil, evidenciando a complexificação do perfil alimentar e nutricional da população brasileira, a alimentação escolar assume papel importante pelo potencial que apresenta de melhorar a qualidade de vida e o desenvolvimento dos alunos, ensinando sobre práticas de alimentação saudáveis e sobre higiene, além de caracteriza-se como uma possibilidade de considerar a cultura local e seus diversos símbolos dentro do espaço escolar, através de atividades que oportunizem os alunos a conhecerem aquilo que faz parte das suas tradições alimentares.

Fazendo com que aja uma reconfiguração desse quadro negativo que o cenário alimentício nacional e internacional tem apresentado nos últimos anos com a aquisição de alimentos que são prejudiciais à saúde. Pois é especialmente na infância e na adolescência dos alunos, onde os hábitos alimentares são mais fortemente estabelecidos e com maiores possibilidades de perdurarem na vida.

## **2 A política da merenda escolar e a inclusão do açaí: problemas e desafios**

A alimentação é extremamente importante em nossas vidas e ela está estritamente relacionado ao desenvolvimento físico, mental e emocional dos indivíduos. Nosso primeiro contato com o alimento é logo após ao nascimento através do leite materno, e com o passar do tempo, após ingerir alimentos mais sólidos, vamos sendo influenciados dentro do âmbito familiar, onde temos os primeiros contatos com aspectos culturais característicos na alimentação local. Em seguida surge a escola, onde crianças passam grande parte do seu tempo e também são influenciadas pelo âmbito escolar.

Considerando a escola como uma grande provedora de ações que estimulam uma boa alimentação e também como um local favorável para aquisição de hábitos saudáveis, é extremamente importante refletir como este espaço é significativo para a expressão da cultura e como ele dissemina os significados do modo de vida de cada lugar.

Está previsto na lei sobre alimentação escolar Nº 11.947, de 16 de junho de 2009, no art. 2 as diretrizes sobre a alimentação escolar, o uso de alimentos que respeitem a cultura, as tradições e os hábitos saudáveis dos alunos, em função da melhoria do rendimento escolar, pois a alimentação adequada é extremamente importante para a garantia da qualidade do processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Abordarei aqui a realidade da cidade de Abaetetuba, referente a alimentação escolar dos alunos, mas especificamente da EMEF Joaquim Mendes Contente, que por ser a primeira escola de tempo integral do município, possui um cardápio e uma arrecadação por aluno diferenciado das outras modalidades de ensino. Essas exigências estão descritas na lei referente a alimentação escolar.

Segundo dados do FNDE, o valor repassado pela União a estados e municípios por dia letivo para cada aluno da escola de Ensino Integral é correspondente a R\$ 1,07, e a este valor é acrescido as contribuições dos estados, municípios e o distrito federal.

Para a maioria os munícipes de Abaetetuba o açaí é considerado a refeição primordial e indispensável em suas mesas, e por esse motivo, muitos alunos e alunas da EMEF Joaquim Mendes Contente deixam de almoçar quando não há açaí, preferindo ficar sem se alimentar durante todo o dia, a comer sem o acompanhamento do açaí, algo que muitas vezes passa despercebido pelos profissionais que trabalham na escola e pelos conselheiros do Conselho de Alimentação escolar.

O fato de alunos e alunas não se alimentarem adequadamente ou simplesmente se negarem a se alimentar no momento em que estão na escola, pode ser considerado um problema para o seu desenvolvimento, pois essa atitude dos alunos simboliza um ato para além de uma ação “tola” como muitas vezes foi repetida pelas merendeiras da escola; se negar a almoçar quando não há açaí simboliza a força cultural que o açaí tem na alimentação dos Abaetetubenses e a alta dependência dos alunos deste alimento.

Outro problema que chama atenção, é o fato do Conselho de Alimentação Escolar permitir que os alunos e alunas da referida escola levem o açaí para ser consumido junto as refeições já oferecidas pela instituição, pois o art. 1 da Lei Nº 11.947, de 11 de junho de 2009, afirma “para os efeitos desta Lei, entende-se por alimentação escolar todo alimento oferecido no ambiente escolar, independentemente de sua origem, durante o período letivo”. Ou seja, o CAE está ciente que os escolares da EMEF Joaquim Mendes Contente só se alimentam de maneira positiva com o acompanhamento de açaí, mas se isenta da responsabilidade que é sua por lei, pois ao permitir que esses alunos levem o açaí para a escola, o CAE também assume as responsabilidades que a ingestão não regulada desse alimento possa trazer para os alunos no período escolar.

A questão de saúde, também é importante salientar sobre a doença de Chagas, causada pelo protozoário parasita *Trypanosoma cruzi* que pode ser adquirida por meio do contato com as fezes do barbeiro, seja pelo contato com a pele, seja por via oral. Entre os principais sintomas estão inchaço, febre e problemas cardíacos, que em estado mais avançado, levam o paciente à morte. Testes realizados por pesquisadores, e publicados na revista *Advances in Food and Nutrition Research*, revelam que o protozoário causador da

doença de Chagas tem capacidade de sobreviver na polpa do açaí tanto em temperatura ambiente, como a 4°C, temperatura média de uma geladeira, e até a -20°C, no açaí congelado.

A respeito dos possíveis problemas de saúde causados pela doença de Chagas, uma técnica de assepsia e higienização do fruto conhecida como branqueamento, foi introduzida para controlar o protozoário causador desta doença. Ferreira Et al. (2016) relatam que nas agroindústrias, deve haver a pasteurização da bebida processada, se não houver o branqueamento dos frutos; mas isso requer um método de conservação complementar: o resfriamento. Ou seja, assim como os demais alimentos perecíveis que fazem parte da alimentação escolar dos alunos precisam de fiscalização adequada, o açaí também precisa passar por esses processos.

Há um grande desafio na introdução do açaí como parte da alimentação nas escolas do município de Abaetetuba; acredito que o primeiro desafio é a falta do reconhecimento valor cultural desse fruto como indispensável na mesa dos ribeirinhos por parte dos profissionais que trabalham no CAE, pois o discurso da nutricionista e do conselheiro sobre a importância do açaí é controverso. A nutricionista reconhece o açaí como alimento primordial para os munícipes e também como parte da cultura local, já o conselheiro de alimentação escolar vê o fruto como complementar e sem tanta importância para a alimentação dos alunos.

Outro desafio a ser enfrentado é o alto valor do vinho do açaí no período da entressafra, pois nesse período chega a ser o dobro da época da safra, considerando que o valor de caráter suplementar repassado pelo FNDE para a modalidade de Ensino Integral é de R\$ 1,07.

Apesar dos problemas e desafios serem muitos, não é uma ação impossível o açaí fazer parte da alimentação escolar, pois para cada um dos desafios há estratégias diferentes a serem tomadas. O maior problema já está sendo vivenciado pelos alunos e alunas da escola, que é o fato deles não se alimentarem corretamente diante da falta do açaí, havendo alto índice de desperdício de comida.

A inclusão o açaí na merenda escolar dos alunos abaetetubenses, além de um direito garantido por lei, fará com que os escolares da EMEF Joaquim Mendes Contente se alimentem de maneira adequada e com qualidade, além de respeitar suas tradições da cultura local.

A respeito do CAE torna-se preocupante a omissão deste órgão em relação a fiscalização da alimentação dos alunos na escola, pois uma vez que o CAE permite que alunos e alunas levem açaí para se alimentarem, ele assume que este fruto é essencial para a dieta alimentar desses alunos, e se isenta daquilo que é sua responsabilidade por lei. Também a respeito do CAE, torna-se necessário que aja um reconhecimento do significado do açaí, que foi eleito através de lei (PARÁ, 2001), na bebida e fruto símbolo do estado do Pará, com a finalidade de promover não só para os profissionais do CAE, mas para todos os profissionais que trabalham na escola, formação cultural a respeito dos significados da cultura do açaí.

A respeito do alto valor do fruto no período da entressafra, para que o açaí seja disponibilizado na escola, é necessária uma política de incentivo da agricultura familiar, pois Abaetetuba é conhecida como uma das cidades que mais produz o fruto em nível nacional e internacional. O incentivo a agricultura familiar aumentará a produção do fruto e, além de beneficiar o desenvolvimento local do município, pode garantir merenda de qualidade e alimentação adequada aos alunos e alunas, ao respeitar suas tradições.

Já em entrevista com o coordenador do CAE, percebo que ele não reconhece o açaí como importante para a alimentação dos alunos da escola e várias vezes diz que está analisando outros alimentos que são enviados ao conselho para serem inseridos na merenda escolar dos alunos, são produtos industrializados, enlatados, como massas de arroz e milho para fazer mingau, bolachas e sucos processados. Quando perguntava sobre a presença do açaí na merenda escolar dos alunos, ele respondia que era apenas um complemento, que não havia necessidade dele fazer parte da alimentação regular dos alunos e que as vezes, no período da safra, ele era disponibilizado como polpa e a escola poderia fazer mingau com ele.

Quando fui a escola EMEF Joaquim Mendes Contente, já tinha consciência que os alunos que tomavam açaí nos horários das refeições da escola eram aqueles que traziam de casa e essa informação já me causava várias indagações. Me questionava como o Conselho de Alimentação Escolar permitia que isso acontecesse, pois na Lei Nº 11.947, de 16 de junho de 2009, no artigo primeiro diz que se entende por alimentação escolar todo alimento oferecido no ambiente escolar, independentemente de sua origem, durante o período letivo, a lei também fala que os efeitos desses alimentos sobre os alunos são de responsabilidade da escola. Segundo, percebia que o discurso da nutricionista e do coordenador do CAE não eram próximos, pois um reconhecia a importância do açaí na alimentação dos alunos e o outro via

como um complemento sem muita importância; então qual seria afinal o verdadeiro motivo do açaí não fazer parte da alimentação dos alunos?

Portanto, fui para campo e no decorrer da observação realizada um dos meus objetivos era analisar o que os alunos e os profissionais da escola falavam da inserção do açaí na merenda escolar, como era sua relação com o fruto e quais informações eles tinham a respeito do CAE não disponibilizar açaí para a instituição.

O fator que mais contribui para o desperdício na escola é a ausência de açaí. Como já foi relatado, muitas crianças dividem o açaí umas com as outras, já que nem todas as famílias dos alunos tem condições financeiras suficientes para isso. Quando os alunos que costumam levar açaí não levam ou não dividem com os outros, a quantidade de comida desperdiçada é ainda maior. Pude presenciar por diversas vezes, alunos que paravam de comer a comida que estava no prato, assim que acabava o açaí que estava na tigela. Evidenciando mais uma vez como a relação do abaetetubense com esse fruto é particular, como ele é determinante e indispensável na mesa do ribeirinho. Questionadas sobre o porquê elas paravam de comer quando o açaí acabava, os alunos diziam “o açaí deixa a comida mais gostosa tia”, “o açaí faz a comida descer, aí quando ele acaba, acaba a vontade de comer o resto”.

**Imagem 14 e 15 – Crianças param de comer quando acaba o açaí**



Fonte: Bezerra, 2018.

Os alunos que levavam açaí dividiam com os demais e algumas vezes até com os professores. Mas para essa partilha acontecer uma série de regras e negociações entre os que levavam açaí e aqueles que não levavam, precisavam ser feitas. Essas regras não eram explícitas, mas com os dias de observação fui percebendo como elas eram traçadas pelos alunos. Uma das primeiras regras observadas foi o processo de escolha daquele que trouxe açaí em relação a quem ele iria dividir, onde o critério para essa partilha eram os laços de amizade ou parentesco, ou seja, o aluno que levava açaí somente dividia com seus familiares que estudavam na escola ou com seus amigos; outra regra observada era a autonomia que a pessoa que dividia o açaí tinha sobre aquele que seria contemplado com a partilha, autonomia que dava poder de escolher pelo outro em diversas situações; como por exemplo o lugar que o outro ia sentar, com quem iria sentar e o quanto ia tomar de açaí.

Referente as negociações dentro da escola, o açaí mais parecia uma moeda de troca entre os alunos. Pude presenciar vários acordos informais feitos por eles nesses dias de pesquisa, onde era possível ver dentro da escola um reflexo das influências trazidas pelas crianças, até chegarem ali. Dentre várias negociações feitas entre eles, pude observar alunos trocando trabalhos da escola, dever de casa e atividades copiados em sala por uma tigela de açaí, também pude ver alunos trocando o pedaço preferido de comida por uma colher de açaí e alunas disputando a atenção de outra que trazia açaí grosso, para poder lambe a tampa da vasilha onde ela levava o açaí para a escola.

**Imagem 16 – Aluna lambendo a tampa de um recipiente que guardava açaí**



Fonte: Bezerra, 2018.

Em conversa com um dos agentes de limpeza da escola perguntei sobre a merenda escolar oferecida pelo conselho e como ele via a relação dos alunos com o açaí, e sua resposta me chamou atenção.

*A merenda da escola deixa muito a desejar. Você já viu o tanto de comida que vai pro lixo aqui? É um desperdício enorme. O açaí faz parte da nossa alimentação, da alimentação do ribeirinho, faz parte da nossa cultura e quando a gente chega na escola, onde ela deveria refletir esses aspectos, isso não acontece e é muito complicado. Acredito que se a escola oferecesse açaí na hora do almoço, o desperdício ia ser muito menor (Alexandre, agente de limpeza, 2018).*

Em uma outra oportunidade, também conversei com a diretora da escola e perguntei qual opinião ela tinha sobre o açaí na merenda escolar dos alunos, e relatei sobre a visão do fruto como um complemento sem muita importância para a merenda do município, e questionada sobre a sua opinião a respeito dessa afirmação a diretora respondeu.

*Em uma escola que não é de tempo integral eu até entendo, entendo ser até servido como um mingau, mas aqui? Os alunos na casa deles tomam açaí de manhã e de noite, como aqui vai ser diferente? Pra gente já é ruim comer sem. O açaí faz parte da nossa cultura. Esses alunos passam o dia todo aqui e ano que vem vão ser duas escolas de tempo integral no município (Lorena, diretora, 2018).*

Na oportunidade, também pergunto como a merenda chega na escola e como o cardápio dos alunos é pensado.

*Olha, é preciso que o conselho reveja algumas coisas e repense a merenda, as refeições precisam ser diferentes pra cá, por ser de tempo integral. Parece que a licitação da agricultura familiar ainda não saiu ou não foi preenchida. Enquanto isso só tem batata, alho e cebola. O resto a gente compra com a venda do chopp; e eu sei que é errado fazer venda na escola, mas a gente precisa. Não tem tomate, cheiro verde, não tem pimentinha... a gente também compra produto de limpeza, porque aqui na escola é grande, gasta muito. Mas é isso... (Lorena, diretora, 2018).*

Como é possível observar o açaí na escola representa mais que um complemento na alimentação dos alunos, ele é um símbolo cultural que identifica um lugar e identifica pessoas, principalmente no que diz respeito a Abaetetuba, que desenvolveu uma forma extremamente particular para se relacionar com ele.

### **3. A política local de merenda escolar: possibilidade de inclusão do açaí**

Hoje, o município de Abaetetuba concentra suas atividades econômicas no comércio, em serviços, na agricultura e na pesca, ou seja, em uma economia agroextrativista.

As atividades econômicas mais importantes de Abaetetuba encontram-se nos setores de comércio e serviços, no meio urbano, e nos setores agrícolas e extrativistas, no meio rural, com destaque para a agricultura familiar, a atividade pesqueira, principalmente a pesca artesanal e as lavouras temporárias como a coleta do palmito e o açaí. Sofre, no entanto limitações em virtude das dificuldades de escoamento, assistência técnica e poucos benefícios sociais para os trabalhadores (SOUSA, 2009, p. 24).

Sendo assim, é necessário repensar a política da alimentação escolar no município de Abaetetuba, por meio do incentivo a agricultura familiar para a produção de açaí, e oferecer condições que auxiliem essas famílias a melhorar sua condição financeira. Sendo possível até aumentar a porcentagem da contribuição da mesma que atualmente é de 30%, incentivando assim o desenvolvimento local, já que o município é um dos maiores produtores de açaí a nível mundial.

O Plano Municipal de Educação, lei N°. 437 /2015. De 24 de junho de 2015 abre espaço para que o açaí faça parte da alimentação regular dos alunos, pois as metas colocadas no plano possibilitam repensar a atual forma de planejar a merenda escolar. São diretrizes do PME, dentro outros pontos

IV - melhoria da qualidade da educação;

VII - promoção humanística, científica, cultural e tecnológica;

X - promoção do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental;

XI – consideração das necessidades específicas das populações do campo e nas comunidades tradicionais: quilombolas e assentados de reforma agrária, asseguradas a equidade educacional e a diversidade cultural.

A diretriz de número quatro, que discorre sobre a “melhoria da qualidade da educação”, pode ser relacionada com a alimentação escolar adequada para os alunos, pois as diretrizes do próprio PNAE fazem esta associação. A diretriz de número sete, abre espaço para as discussões culturais que permeiam a relação do abaetetubense com o açaí, permitindo também que aja um reconhecimento para além da escola, sobre este tema. A diretriz de número dez, promove, entre outros pontos, a sustentabilidade socioambiental; Abaetetuba, com uma base econômica que também é caracterizada pela agricultura de subsistência,

oportuniza que as famílias que se organizam dessa maneira, sejam incentivadas e respeitadas. A última diretriz apresentada acima, é a de número onze, e ela considera as necessidades específicas de cada população. Abaetetuba, sendo híbrida e cheia de conexões com o meio rural e o urbano, encaixa-se inteiramente a essas necessidades específicas, e o açaí como parte da merenda escolar do município, precisa se tornar realidade.

A inclusão dos alimentos regionais produzidos no cardápio das escolas pode ser um potente indutor de qualidade social e educacional, por meio de consideração dos significados da alimentação associada à tradição e a cultura local. Além disso, promove no ambiente escolar a discussão das formas, alternativas mais saudáveis de produção e consumo dos alimentos regionais e da importância da agricultura familiar local para o desenvolvimento econômico e social associado à proteção ambiental.

Pensando na importância de se tratar a alimentação não apenas como questão menor de estética, é possível levá-la para o patamar cultural. Por esse motivo, no âmbito da sala de aula é possível problematizar questões que se referem as práticas culturais que muitas vezes estão invisibilizados no interior da escola.

Portanto, torna-se necessário repensar a política local de merenda escolar, desconstruindo a visão de que o açaí é desnecessário e está em segundo plano na alimentação dos abaetetubenses, pois, os resultados da pesquisa mostram como a cultura do açaí resiste para além dos muros da escola.

### III

## TRADIÇÃO ALIMENTAR DO AÇAÍ E AS IDENTIDADES

Nesta terceira sessão, abordo sobre o conceito de tradição para falar como o açaí foi ganhando força e se configurando de maneira diferente no município de Abaetetuba. Hobsbawn (1984) argumenta que as “[...] tradições inventadas são um conjunto de práticas reguladas de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar certos valores, condutas, através da repetição, visando uma continuidade com o passado”; assim, o açaí como tradição alimentar também marca as identidades do ribeirinho.

Sendo assim, abordo sobre a tradição cultural do açaí e a construção das identidades, por fim trago uma proposta para o currículo baseada no açaí como política cultural de alimentação regional.

### 1 A tradição do açaí no município de Abaetetuba

A cidade de Abaetetuba nasceu às margens do Rio Maratauíra em 1724, e foi conhecida primeiramente como um povoado chamado Nossa Senhora da Conceição de Abaeté. Anos se passaram e ao se tornar um município, o povoado recebeu o nome que é conhecido hoje. De acordo com Gomes (2013, p. 32), “No tupi-Guarani Abaetetuba significa: ABA– Homem; ETE– forte, verdadeiro; TUBA- lugar de abundância”. Devido as influências indígenas, a cidade também é conhecida popularmente como “Terra de homens fortes e valentes”, e Lobato (2016, p. 19) afirma que “tal poética não sugere apenas uma classificação primitiva ou simplória, mas envolve o imaginário mais penetrante possível quando pensamos a cidade hoje”.

Localizada na região do Nordeste paraense, a cidade possui uma população estimada de 141,100 habitantes, de acordo com o ultimo senso do IBGE (2017), e está distribuída nas 72 ilhas, nas 36 comunidades rurais além da zona urbana. Para Gomes (2013, p. 37), “as comunidades de ilhas são recortadas por furos, rios e igarapés, florestas e várzeas, são riquíssimas fontes de alimentos e belezas naturais”. Já as colônias

[...] são comunidades recortadas por igarapés, ramais e estradas, além de uma extensa área de floresta e campos, também bastante produtiva quanto à prática da agricultura familiar, as duas juntas são responsáveis por boa parte dos produtos consumidos na cidade (GOMES, 2013, p. 37-38).

Abaetetuba possui uma localização estratégica e por esse motivo mantém intenso contato cotidiano com a capital do estado. Caracterizada como plural e híbrida, construída do encontro entre indígenas, africanos e europeus, e da diluição das fronteiras entre cidade-campo e local-global, Abaetetuba expressa nas múltiplas e contingentes representações, sua cultura particular (GOMES, 2013). Como parte dessas particularidades, destaca-se a cultura do açaí, que apesar de ser característica de todo estado do Pará, é resinificada e produz identidades diferenciadas em Abaetetuba.

O açaí é uma experiência comum da vida do Abaetetubense, e expressa a cultura por meio de um símbolo cultural que dissemina sentidos sobre o cotidiano do modo de vida ribeirinha na Amazônia, constituindo identidades e alteridades. Reconhecer os significados envolvidos nessa relação, possibilita os sujeitos a mobilizem sensibilidade e empatia histórica, bem como desperta outros afetos e prazeres.

A tradição cultural do açaí é bastante presente, visto que existem famílias que se dedicam intensamente à essa tradição de longa data, pois este alimento além de fazer parte do modo de vida ribeirinho, auxilia como complemento na renda de muitas famílias. Não se tem uma origem que nos faça projetar quando e como o açaí começou a fazer parte da alimentação dos abaetetubenses, mas considerando a lenda, pode ser anterior a chegada dos portugueses. Mas, de todo modo, é uma tradição de origem popular, que sobreviveu por meio da tradição oral. O cultivo do fruto é propício à região do Baixo-Tocantins, principalmente em áreas ribeirinhas, onde as famílias que moravam nesses espaços utilizavam o suco da fruta como base alimentar de suas refeições, devido aos altos valores dos alimentos nos centros urbanos.

De acordo com Nascimento (2016, p. 230)

Essa realidade está associada ao desenvolvimento de práticas alimentares com um elevado grau de adaptação ao ambiente, construídas pelas famílias locais ao longo do tempo. A influência do meio ambiente e dos recursos naturais na construção de hábitos alimentares e na formação de uma identidade alimentar, cultural e social.

Em todo caso, também é muito comum a crença da herança cultural deixada pelos indígenas, que se alimentam com os recursos naturais disponíveis a eles. Esta tradição

sobreviveu até os dias atuais, através da oralidade e das técnicas de cultivo passadas de geração a geração.

Portanto, significa dizer que a forma como os abaetetubenses consomem o açaí imprime um modo de vida específico, característico de Abaetetuba, mas que ao mesmo tempo, passa por modificações ao longo do tempo, pois “as sociedades não são estáticas”, ou seja, a forma como os abaetetubenses se relacionavam com o açaí no passado, não é a mesma de hoje.

Pode-se dizer, então, que o açaí além de ser um alimento de consumo diário e tradicional na vida do homem amazônico, ou seja, principal dieta alimentar principalmente dos ribeirinhos, este tem sido concebido como símbolo cultural, visto que a tradição do açaí tem inspirado grandes festivais regionais no estado Pará (como no caso do “festival do açaí”, no rio Paramajó, nas Ilhas de Abaetetuba – área de estudo – realizado anualmente no período de grandes safras) (PINHEIRO; FERREIRA, 2010, p. 9).

Atualmente o açaí não está unicamente presente na mesa dos munícipes, pois é possível ver diversas formas de representação do açaí na cidade de Abaetetuba, com sua tradição manifesta em diversos lugares. Da palmeira do açaí, além do suco, aproveitam-se os caroços e as folhas para fabricação de artesanatos ou para a produção de energia renovável. “Uma tradição possui um repertório que se expressa em um conjunto de valores, sendo representativa da nacionalidade e da identidade local, algo facilmente notável quando a tradição esta ritualizada em comunicações e monumentos” (CANCLINI, 1989, apud, RIBEIRO, LOBATO e PINHEIRO, 2014, p. 7). Eventos como o festival do açaí, são formas de enaltecer essa tradição.

Também é importante ressaltar como a forma de consumir o açaí sofreu influência nos últimos anos, apesar de ainda possuir muitos aspectos tradicionais como misturar o suco da fruta com farinha d’água ou farinha de tapioca, para comer juntamente com peixe frito, camarão, caranguejo e outras carnes; é possível ver hoje alguns munícipes consumindo o suco da fruta adoçado com açúcar comum, na forma de sorvete, cremes e até na forma de vitaminas, sofrendo assim, influencias de outros estados brasileiros que começaram a utilizar o açaí em sua dieta devido ao seu alto valor nutricional e seu poder energético.

Sobre essas novas formas de consumir o açaí, Ribeiro, Lobato e Pinheiro (2015, p. 05) argumentam que “a tradição seletiva [...] não é apenas sobrevivência do passado, mas sim, constitui-se em uma versão do passado ligada ao presente por meio da seleção de certos

significados”. Ou seja, com as mudanças sociais e históricas, a tradição do açaí acaba sofrendo as influências das inovações, mas mantendo certos elementos e descartando outros.

## **2 Política cultural de merenda escolar: tradição alimentar do açaí e as identidades**

Este tópico aborda a questão da construção das identidades por meio do açaí, e evidencia como os sujeitos da EMEF Joaquim Mendes Contente constituem suas identidades ao manter sua alimentação ancorada nessa tradição.

Uma vez que a tradição marca a identidade local, faz-se necessário discutir sobre ela. Nos últimos anos, questões sobre as identidades tem sido extremamente discutidas, isso porque novos conceitos foram surgindo e desestabilizaram o mundo social. Hall (1997, p. 1) explica esse fato afirmando que, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”.

A identidade pode ser entendida de maneira simples como o reconhecimento do eu. Hall (1997) faz um apanhado ao longo da história e aborda três concepções de identidade, a cada uma delas ele traz considerações. O autor explica que a primeira concepção é a do sujeito do iluminismo, que está ancorado na crença de

[...] um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou "idêntico" a ele - ao longo da existência do indivíduo (HALL, 1987, p. 2).

A segunda concepção de sujeito, não difere muito da primeira, mas traz contribuições a respeito da complexidade do mundo moderno:

[...] a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos — a cultura — dos mundos que ele/ela habitava (HALL, 1997, p. 2).

Esses dois conceitos de identidades, caracterizam-se como essencialistas pois, firmam a questão da identidade na história ou na biologia e “[...] são construídas ou representadas como uma verdade imutável” (WOODWARD, 2000, p. 7). A terceira concepção de sujeito, contextualizada e defendida pelo autor, traz um conceito totalmente diferente dos demais, pois ele argumenta que a identidade é construída historicamente e não

biologicamente, e que ela não é fixa. Portanto, a identidade torna-se uma "celebração móvel": formada transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987).

A respeito de Abaetetuba e a realidade da escola EMEF Joaquim Mendes Contente, é possível observar em vários diálogos dentro deste espaço, como a identidade do sujeito ribeirinho está ancorada ao consumo de açaí, pois, “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa” (WOODWARD, 2000, p. 4). A autora ainda argumenta que:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença (WOODWARD, 2000, p. 28).

Neste caso, o açaí, ao mesmo tempo que identifica os paraenses, também diferencia certos paraenses, pois os Abaetetubenses consomem o fruto de maneira diferente, já que para estes, açaí não é fruta, bebida e nem sobremesa, é comida, um item indispensável do almoço. Sem o acompanhamento do açaí no almoço, este fica incompleto e insatisfatório. Este hábito cultural elevado à escola.

No cotidiano da escola, consegui perceber e identificar os alunos que não eram de Abaetetuba, pelo simples fato de não levarem ou não pedirem açaí aos outros alunos. Portanto, “diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades” (WOODWARD, 2000, p. 14).

No interior dessa forma particular de relação com o açaí, os Abaetetubenses desenvolveram, como em toda cultura, algumas regras referentes ao consumo deste alimento. Por exemplo, dentro da escola, toda vez que eu usava a expressão “tomar açaí”, os alunos me corrigiam e diziam “não é tomar, é comer açaí”; esta reação se explica devido ao fato do açaí ser consumido indissociável da farinha d’água, fazendo com que juntos, tornem-se uma mistura ainda mais pastosa.

Para as pessoas de mais idades, como professores e os demais funcionários da escola, era estritamente proibido colocar açúcar no açaí, caracterizando essa ação como inaceitável e até “criminoso”: *“açaí com açúcar pra mim pode jogar fora”* (Joel, professor do 5º ano, 2018). Referente a essa reação entendo que “os sistemas de alimentação estão, assim, sujeitos

às classificações do processo de ordenação simbólica bem como às distinções de gênero, idade e classe” (WOODWARD, 2000, p. 34)

A análise das práticas de alimentação e dos rituais associados com o consumo de alimentos sugere que, ao menos em alguma medida, “nós somos o que comemos”. Na verdade, se consideramos as coisas que, por uma razão ou outra, nós não comemos, talvez a afirmação mais exata seja a de que “nós somos o que não comemos” (WOODWARD, 2000, p. 34).

Portanto, há proibições culturais contra o consumo de certos alimentos e, no caso do açaí, há uma série de normas associadas a forma “certa” e “errada” de consumir este alimento. E quando algum sujeito burla essas normas, ele é considerado estranho e até excluído do processo coletivo de identificação. É comum alguns representarem pessoas que adoçam o açaí como “doido”, alguém que estraga o açaí, ou mesmo não abaetetubense. Isso evidencia que “podem haver discrepâncias entre o nível coletivo e o nível individual” (WOODWARD, 2000, p. 15). Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a diferença também é sustentada pela exclusão.

A tradição do açaí se tornou marca de identidade da cidade e é possível observar homens e mulheres, crianças, jovens e adultos, constituindo suas identidades no jogo das diferenças, pois eles se intitulam: solteiros e casados, católicos e evangélicos, e a mais nova expressão da identidade, de raiz e Nutella. Expressão que possui um significado bem característico da visão essencialista de sujeito, e que tem ganhado espaço nos discursos, principalmente nas redes sociais. Um conflito geracional que se materializou na internet.

A expressão do abaetetubense de raiz significa que este é tradicional, antigo, alguém que preserva de maneira inquestionável as tradições; a materialização do abaetetubense de raiz, seria o ‘comer’ o açaí com farinha d’água, sem adicionar açúcar, granola ou qualquer outro tipo de alimento que fuja da tradição. Já a expressão Abaetetubense Nutella<sup>3</sup> faz referência a um sujeito mais flexível, que de certa forma ‘quebra’ as regras que marcam a suposta autenticidade do sujeito. Por exemplo, entre os professores dentro da escola, há aquele que adoça o açaí e este não é considerado um verdadeiro abaetetubense. Essa visão essencialista do sujeito, tem sido reforçada pelo que Hall (1997) chama de “homogeneização da cultura”, onde a mídia tenta de diversas formas, estabelecer uma visão limitada da cultura, para que “[...] o mundo se torne um lugar único, tanto do ponto de vista espacial e temporal

---

<sup>3</sup> Marca famosa de um creme de avelã.

quanto cultural”, ocasionando uma síndrome denominada por Michael Apple de McDonaldização do globo.

Diante de tudo que já foi apresentado neste trabalho a respeito da tradição alimentar do açaí, da constituição do modo de vida ribeirinha, além da contextualização sobre as políticas de alimentação escolar, trago a possibilidade de se pensar o açaí como política cultural de merenda escolar considerando as identidades.

Nesta perspectiva, a tradição alimentar do açaí passa a ser considerada uma instância cultural que possui uma pedagogia, por transmitir significados ou conhecimentos culturais que “[...] são vitais na formação da identidade” (SILVA, 1999, p. 140), pois neste caso, remetem ao pertencimento (BAUMAM, 2012). Sendo assim, vejo a necessidade de considerar o processo de constituição do sujeito abaetetubense, como sujeitos que pertencem ao mundo ribeirinho, território no qual há a abundância do “ouro negro”, que é o açaí, praticamente o item mais básico de sua alimentação. Por isso, o açaí precisa ser parte da merenda escolar.

Sobre política cultural me refiro ações que considerem a relação entre sujeito e conhecimento por intermédio da cultura, seus artefatos e elementos. Ou seja, essa visão não pode ser generalizante, pois se assim for não conseguirá trabalhar o sujeito local, e para além da escola.

Trago a política cultural como uma ação para além das questões pedagógicas da escola, pois esta é capaz de pensar a questão de maneira mais particular, e não somente para a ótica escolar, pois a alimentação é uma questão política e cultural, que incide no pedagógico, na aprendizagem. Nessa perspectiva, política cultural considera a autobiografia, a vida, um percurso, um texto que produz identidade.

Portanto, para refletir sobre a política cultural local é preciso mapear as culturas, conhecer sua história, seus elementos e significados, e o que esta produz nos sujeitos, já que a cultura passa a ser reconhecida como “um sistema de significações mediante o qual uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (WILLIAMS, 1992, p. 12).

Através dos resultados obtidos na escola, foi possível observar que a falta de conhecimento da cultura local, de seus significados, e das identidades produzidas, interfere de maneira negativa em vários aspectos da vida dos estudantes. O não reconhecimento do açaí como um símbolo que identifica a cultura ribeirinha, faz com que este alimento seja

desprezado como parte do cardápio alimentar dos alunos, além de produzir uma série de discursos negativos sobre as várias formas de se consumir este alimento.

Mas o atual cenário cultural é marcado pela diluição das fronteiras que separavam cultura e escola, redefinindo o que se considerava como conhecimento e como cultura. Através do conhecimento do que é cultura e a escola, somos capazes de interpretar e assim respeitar outras culturas e outros sujeitos, entendendo que não há uma única forma de se relacionar com determinados símbolos culturais.

Neste ambiente cultural modificado, todo conhecimento que se constitui em sistema de significação é cultural, e toda cultura é considerada como pedagogia, pois sempre tem algo a ensinar.

Gostaria de argumentar a respeito de uma proposta a favor de uma nova forma de se pensar a merenda escolar a partir de uma abordagem da identidade, mas para isso a escola precisa tratar a identidade e a diferença como questões de política (WOODWARD, 2000, p. 99), mais especificamente, de política cultural.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho fruto de uma pesquisa etnográfica realizada na primeira escola de tempo integral do município de Abaetetuba, tendo chegado aos seguintes resultados: o açaí é indispensável para a alimentação dos alunos/as das escolas do município, principalmente no lócus de pesquisa devido a sua modalidade de ensino; o Conselho de Alimentação Escolar do município isenta-se de suas responsabilidades a respeito do cumprimento das diretrizes do PNAE que chama a atenção para o respeito as tradições e culturas locais, materializadas na alimentação escolar dos alunos/as; é necessário que haja uma política para inclusão do açaí como parte da alimentação dos alunos, pois o açaí é tradição alimentar do município de Abaetetuba e produz identidades no processo de construção dos sujeitos escolares ribeirinhos. Assim, é necessário repensar a política cultural de merenda escolar.

Observei que a desconsideração da cultura local, de seus significados, e das identidades locais produzidas, faz com que este alimento seja desprezado como parte do cardápio alimentar dos alunos, além de produzir uma série de discursos negativos sobre as várias formas de se consumir este alimento.

A lei sobre alimentação escolar prevê o uso de alimentos que respeitem a cultura, as tradições e os hábitos saudáveis dos alunos, em função da melhoria do rendimento escolar para a garantia da qualidade do processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Ao considerar esses aspectos na merenda escolar na Escola Mendes Contente, é preciso ter em mente o perfil alimentar e nutricional da população local, para planejar a alimentação escolar, que assume papel central na qualidade de vida e no desenvolvimento dos alunos. Para isso é preciso considerar a tradição alimentar local, e seus símbolos dentro do espaço escolar, oportunizando a todos a satisfação de sua tradição alimentar.

Penso que a merenda escolar não está limitada apenas as paredes da escola, devendo ser pensada na relação com a cultura local e, conforme Moreira (2002), sendo necessário pensar novos itens alimentícios, novas perspectivas, considerando as experiências locais. A política cultural da merenda escolar considera as identidades e a diferença e a multiplicidade, para uma alimentação que inclua o açaí, garantido uma alimentação saudável e agradável, e evite o desperdício e a recusa em se alimentar dos alunos.

Não simpatizo com a palavra fim, acredito nos ciclos, no início de novas fases, no começo de novos desafios. Este trabalho, além de marcar o começo de uma nova jornada, constitui em mim uma nova identidade, a de pedagoga.

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11. 947. 2009**, Conversão da medida provisória nº 45. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica; altera as Leis nº 10.880, de 09 de junho de 2004, 11.273, de 6 de fevereiro de 2006, 11.507, 20 de julho de 2007; revoga dispositivos da medida Provisória nº 2.178-36, de 12 de julho de 2001, e a Lei nº 8.913, de 12 de julho de 1994; e dá outras providências.

\_\_\_\_\_. **Manual Aquisição de produtos da Agricultura Familiar para Alimentação Escolar**. 2016. 2º edição - versão atualizada com a resolução CD/FNDE nº 04/2015. Disponível em [www.fnde.gov.br/arquivos/category/116-alimentacao-escolar?dow](http://www.fnde.gov.br/arquivos/category/116-alimentacao-escolar?dow)

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. **Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas**. Brasília, DF; MDF; Secretaria de Segurança Alimentar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benetto Vecchi/Zygmunt Bauman**; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRASIL, **Constituição Federativa do Brasil**. Promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em 15 ago. 2016.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

FERRANTE, Adelino. **A Política educacional no Município de Abaetetuba (PA) no período de 2005-2008: realidade e limites**. Dissertação (Mestrado). Belém: UFPA/PA, 2013.

FERREIRA, Ezaine Ágata Paixão; BEZERRA, Valeria Saldanha; DAMASCENO, Leandro Fernandes; SILVA, Otniel Freitas. O branqueamento do açaí em batedeiras artesanais para controle do Trypanosoma cruzi, agente etiológico da Doença de Chagas. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá .II Jornada Científica. 2016.

GOMES, Jones da Silva. **Cidade da Arte: uma poética da resistência nas margens de Abaetetuba**. Tese (Doutorado). Belém: PPGCS/IFCH/UFPA, 2013.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HOBBSAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. pp. 9-23.

LOBATO, Lídia Sarges. **BRINQUEDO DE MIRITI: TRADIÇÃO, GÊNERO E CURRÍCULO MULTICULTURAL**. Universidade Federal do Pará. Abaetetuba/Pará 2016.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. Currículo, Diferença Cultural e Diálogo. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, Agosto, 2002.

- MURRIETA, R. S. S.; BRONDÍZIO, E.; SIQUEIRA, A.; MORAN, E. F. Estratégias de subsistência de uma população ribeirinha do rio Marajó-açu, ilha de Marajó, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia*, v. 5, n. 2, p. 147-163, 1989.
- NASCIMENTO, Elcio Costa; GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. Do avortado ao comprado: práticas alimentares e a segurança alimentar da comunidade quilombola do baixo Acaraqui, Abaetetuba, Pará. **Bol. Museu Emílio Goeldi**. Cienc. Hum., Belém, v. 11, n. 1, p. 225-241, jan.-abr. 2016.
- OLIVEIRA, M. do S. P. de; NETO, J. T. de F. **Açaizeiro para Produção de Frutos em Terra Firme**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2005. (Embrapa Amazônia Oriental. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, 114).
- PEROTES, K. F. LEMOS, J. C. **Técnicas de manejo de açaizais nativos**. Belém: EmaterFrutal, 2008.
- PINHEIRO, Pedro Wander dos Santos; FERREIRA, Denison da Silva. A cultura do Açaí na Várzea Amazônica: Circuito Espacial Produtivo e Comercial do Açaí nas Ilhas de Abaetetuba/Pa.. *Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos*. Porto Alegre. ENG 2010.
- RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas. Escola, Cultura e Normatividade de Gênero. In: RIBEIRO, J.O.S. et al. (Orgs.) **Pesquisa em Educação: territórios múltiplos saberes provisórios**. Belém: Editora Açaí, 2010a.
- RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas. Pesquisado os gêneros nas fronteiras culturais: a “nova” etnografia. In: NASCIMENTO, Afonso Welliton de Souza; RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas (Orgs.). **Educação: enfoque, problemas, experiências**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010b.
- RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas; MAUÉS, Josenilda. Tradução Cultural e Escrita: a arte do fazer da etnografia pós-moderna no campo curricular. Pojo, Eliana C. et al. (Orgs.). **A pesquisa no baixo Tocantins: contribuições teórico-metodológicas**. Curitiba: CRV, 2013, 258 p.
- SILVA, Claudete do Socorro Quaresma. **Brinquedo de Miriti: Educação, Identidade e Saberes Cotidianos**. Dissertação de mestrado. Belém: UEPA, 2012.
- SILVA, Tomaz T. **O currículo como fetiche**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SOUSA, Iris Amaral. **O que fazer do poder público municipal na Amazônia: Os caminhos da política educacional em Abaetetuba/PA**. 2009. Tese (Doutorado). PUC/SP, São Paulo, 2009.
- TEO, Carla Rosane Paz Arruda; MONTEIRO. Marco legal do Programa Nacional de Alimentação Escolar: uma releitura para alinhar propósitos e prática na aquisição de alimentos. **Revista Nutrição**, v.25, n.5, Campinas, 25(5):657-668, set./out., 2012.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992
- WOODWARD, Kathren. Identidade e diferença. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000
- XAVIER, Lena Núbia Bezerra; ARAUJO, Edson Aparecida; OLIVEIRA; Querido; OLIVEIRA, Adriana Leônidas. **Extratativismo e manejo do açaí: atrativo amazônico favorecendo a economia regional**. XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba. 2009.

## **SITES PESQUISADOS**

<http://www.cidade.ibge.gov.br>

<http://www.dreambike.com.br>

<https://exame.abril.com.br/ciencia/acai-pode-transmitir-doenca-chagas-558972/>

<https://www.google.com.br/search?q=abaetetuba&biw>

<https://www.google.com.br/search?q=acaizeiro&es>